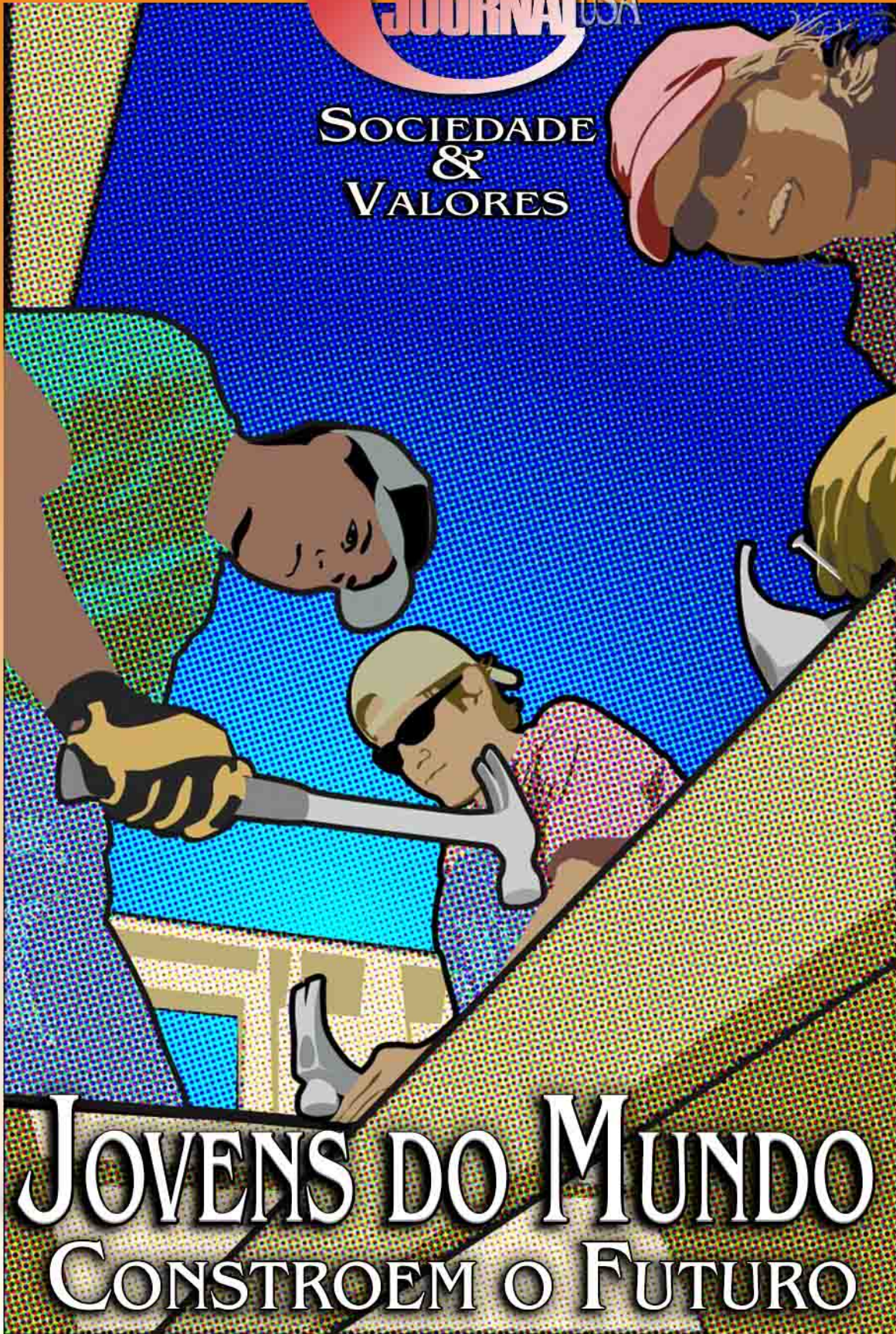




SOCIEDADE  
&  
VALORES



JOVENS DO MUNDO  
CONSTROEM O FUTURO



*Sociedade e Valores* - Volume 12, Número 7

---

|                                      |  |
|--------------------------------------|--|
| Redator chefe                        | George Clack   |
| Editor executivo                     | Richard W. Huckaby   |
| Editora                              | Charlene Porter  |
| Gerente de Produção                  | Christian Larson   |
| Assistente de Gerente de<br>Produção | Chloe D. Ellis   |
| Produtora Web                        | Janine Perry   |
| Editora de Cópias                    | Kathleen Hug   |
| Editora de fotografia                | Maggie J. Sliker   |
| Ilustrador                           | Vincent Hughes   |
| Ilustração da Capa                   | Christian Larson   |
| Especialista em referências          | Anita Green  |
| Editores colaboradores               | Alexandra M Abboud<br>Mark Betka<br>Robin Yeager           |
| Revisora de português                | Marília Araújo   |
| <hr/>                                |  |
| Conselho editorial                   | Jeremy F. Curtin<br>Jonathan Margolis<br>Charles N. Silver |

Todas as ilustrações de Jovens do Mundo Constroem o Futuro foram criadas por Vincent Hughes com base em fotografias fornecidas por:

CAPA: *Construção de casa*

Cortesia: Sociedade Judaico-Americana de Serviços Comunitários

FOTOS: Bungee jumping:©AP Images; Canoagem: cortesia da Fundação Planet, Budapeste; Aula de arco-e-flecha: cortesia de ACM do Triângulo, Raleigh, Carolina do Norte; Futebol: Barry Fitzgerald/Departamento de Estado dos EUA; Ensinando: CORBIS/Imagine; Aprendendo: Brian Newman/Universidade do Estado de Washington, Centro de Combate à Exclusão Digital; Plantando árvores: Myrleen Ferguson Cate/Photo Edit.

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica cinco revistas eletrônicas com o logo *eJournal USA — Perspectivas Econômicas, Questões Globais, Questões de Democracia, Agenda de Política Externa e Sociedade e Valores* — que analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

A cada mês é publicada uma revista nova em inglês, seguida pelas versões em francês, português, russo e espanhol. Algumas edições também são traduzidas para o árabe, o chinês, o persa e outras línguas se necessário. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Bureau de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos eletrônicos, bem como uma relação das próximas revistas em <http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>. Comentários são bem-vindos na Embaixada dos EUA em seu país ou nos escritórios editoriais:

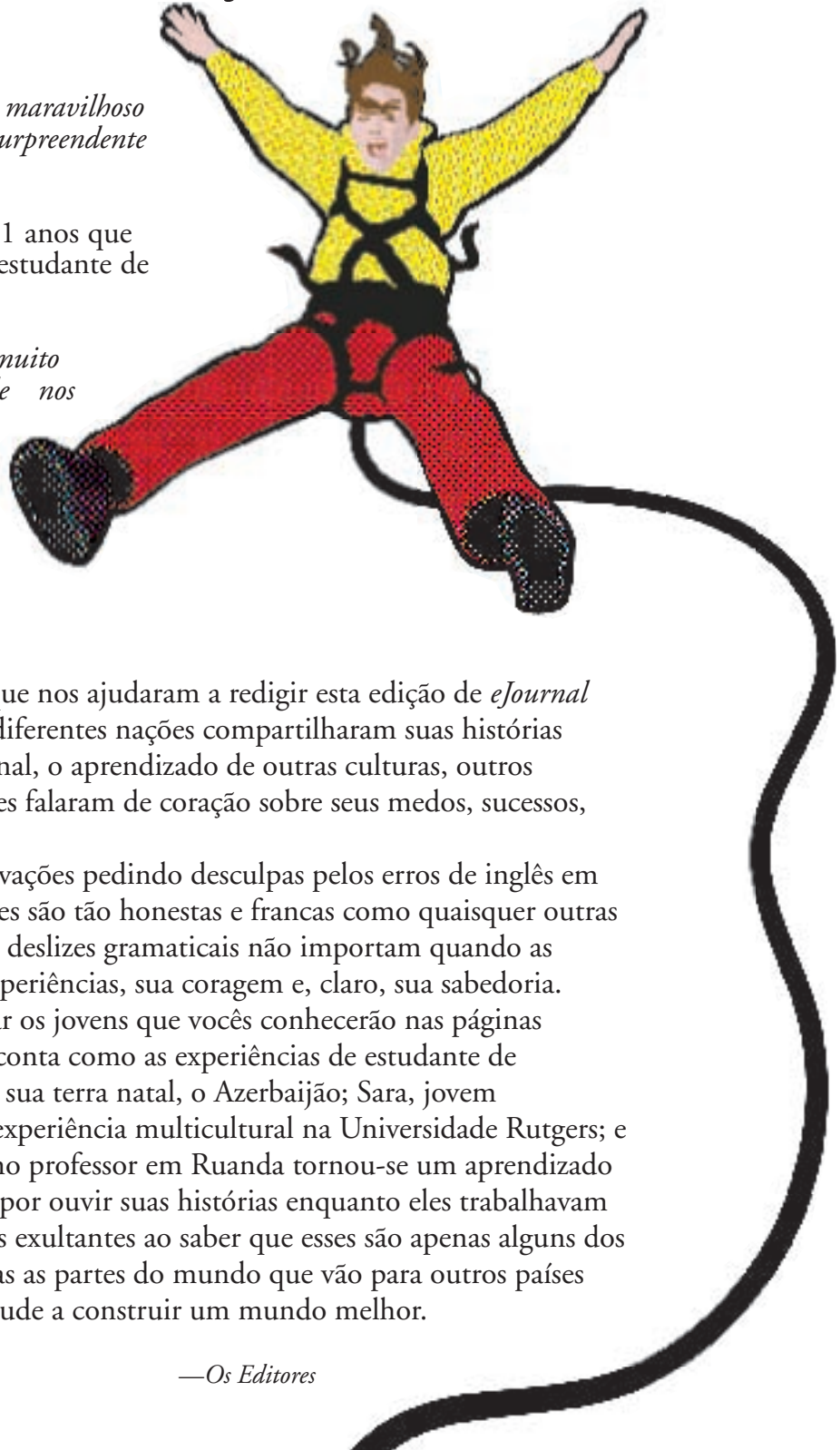
Editor, *eJournal USA*  
IIP/PUBS  
U.S. Department of State  
301 4th Street SW  
Washington, DC 20547  
United States of America  
E-mail: [eJournalUSA@state.gov](mailto:eJournalUSA@state.gov)

## Sobre Esta Edição

*Posso afirmar que este foi o ano mais maravilhoso da minha vida. ... Cresci de forma surpreendente como pessoa; amadureci muito.*

Conheça Lili, jovem mexicana de 21 anos que veio para os Estados Unidos como estudante de intercâmbio em 2003.

*Quando se está lá, o início é muito, muito difícil. Senti muita dificuldade nos primeiros dois ou três meses porque tudo era novidade para mim. Tive de me adaptar a uma nova vida; novas pessoas; alimentação e horários diferentes etc. Mas acabei me acostumando. E essa passou a ser minha vida normal.*



**L**ili é uma dos muitos jovens que nos ajudaram a redigir esta edição de *eJournal USA*. Ela e outros jovens de diferentes nações compartilharam suas histórias sobre intercâmbio internacional, o aprendizado de outras culturas, outros idiomas e outros modos de vida. Eles falaram de coração sobre seus medos, sucessos, alegrias e lições.

Muitos nos enviaram suas observações pedindo desculpas pelos erros de inglês em seus textos. Desnecessário. Suas vozes são tão honestas e francas como quaisquer outras que já publicamos. Para nós, alguns deslizes gramaticais não importam quando as palavras ecoam a verdade de suas experiências, sua coragem e, claro, sua sabedoria.

É uma honra para nós apresentar os jovens que vocês conhecerão nas páginas seguintes, entre os quais Fariz, que conta como as experiências de estudante de intercâmbio moldaram sua vida em sua terra natal, o Azerbaijão; Sara, jovem muçulmana que vivencia uma rica experiência multicultural na Universidade Rutgers; e Brian, americano cujo trabalho como professor em Ruanda tornou-se um aprendizado para ele. Sentimo-nos privilegiados por ouvir suas histórias enquanto eles trabalhavam conosco nesta publicação. E ficamos exultantes ao saber que esses são apenas alguns dos milhares de jovens otimistas de todas as partes do mundo que vão para outros países com a esperança de que seu gesto ajude a construir um mundo melhor.

—Os Editores



## Sociedade e Valores

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / JULHO DE 2007 / VOLUME 12 / NÚMERO 7

<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>

### Jovens do Mundo Constroem o Futuro

#### Assunto de Família

#### 4 “Eles São Meus Filhos”

ENTREVISTA COM ERIC E LELA MARCUS

Os pais anfitriões Eric e Lela Marcus, de Beavercreek, Ohio, falam sobre os programas de Intercâmbio de Jovens do Rotary Internacional.

#### 8 Os Jovens com a Palavra

Quatro estudantes de intercâmbio que moraram com a família Marcus compartilham recordações de suas experiências.

#### Trocando Lições de Vida

#### 11 Hospitalidade Romana

JUSTIN BRITT-GIBSON, EX-ESTUDANTE DE INTERCÂMBIO QUE DESEJA SER ROTEIRISTA.

Estudante universitário americano vai a Roma, faz amigos e aprende sobre o ritmo de vida e trabalho.

#### 13 Uma Experiência que Mudou Minha Vida

FARIZ ISMAILZADE, EX-ESTUDANTE DE INTERCÂMBIO Profissional azerbaijano de mente internacional fala sobre sua experiência de estudante de intercâmbio nos Estados Unidos e como isso afetou sua vida uma década depois.

#### 15 **Box:** FLEX e YES

Dois programas do governo americano levam estudantes estrangeiros aos Estados Unidos.

#### 16 Fazendo a Diferença

ALEXANDRA M. ABBoud, DA EQUIPE DE REDAÇÃO Três jovens adultos envolvidos em questões sociais internacionais explicam por que estão trabalhando por um mundo melhor.

#### História em Fotos

#### 19 Batendo Bola

Trinta jovens de várias partes do mundo vão aos Estados Unidos para aperfeiçoar suas habilidades futebolísticas e depois viajam para ver a Copa do Mundo de 2006, gerando recordações para toda a vida.

## Troca Cibernética

- 22 Vivendo e Aprendendo na Diversidade**  
WEBCHAT COM MEMBROS DA CASA DE COEXISTÊNCIA DO ORIENTE MÉDIO  
Universitárias que vivem uma experiência social no campus da Universidade Rutgers descrevem suas experiências e as lições delas extraídas.
- 28 Rumo a 2020 em Meio aos Ecos do Passado**  
Estudantes americanos com grandes habilidades em informática viajam para Ruanda para ajudar outros jovens a aprender mais sobre computadores.
- 30 Almoço em Ruanda**  
BRIAN NEWMAN  
Conversa na hora do almoço leva a maior compreensão dos outros.
- 31 Sobre a marcha em memória dos mortos**  
LEAH ROMMEREIM  
Estudante americana vai a Ruanda ensinar tecnologia da informação e aprende sobre coragem.
- 32 Inspirar, Informar, Envolver**  
Jovens alcançam o mundo exterior na comunidade on-line TakingITGlobal.org.
- 34 Conhecendo Pessoas e Trocando Idéias On-line**  
MAITREYI DOSHI  
A participação em uma comunidade on-line levou uma jovem indiana a se lançar em jornadas longínquas.

## Vá em Frente

- 36 Uma Experiência Pessoal em Relações Internacionais**  
CHARLENE PORTER, EDITORA-GERENTE, *EJOURNALUSA*  
Os programas de intercâmbio auxiliam os jovens a ampliar sua visão de mundo, e milhões agarraram essa oportunidade nas últimas décadas.
- 39 O que Devo Fazer?**  
Informações úteis para os leitores interessados nas oportunidades de participar de um programa de intercâmbio.
- 40 Onde Obter Informações?**  
Uma seleção de programas de intercâmbio é destacada para ajudar o leitor a iniciar a busca de um programa que atenda a suas necessidades e seus interesses.



## Vídeos On-line

*Aprendizado Experimental*  
Um vídeo da World Learning

(Usado com permissão)

*Aldeia Global*  
NJN News

(Todos os direitos reservados)

<http://usinfo.state.gov/journals/litsv/0707/ijse/ijse0707.htm>

# “Eles são meus filhos”

Entrevista com Eric e Lela Marcus

*Um jovem que viaja a outro país para morar e estudar através de um programa de intercâmbio provavelmente considerará a viagem uma experiência única na vida. Mas, para algumas pessoas, o intercâmbio de estudantes é uma experiência vivida muitas vezes. São famílias que têm um compromisso de longo prazo com os programas de intercâmbio patrocinados por organizações não-governamentais.*

*Essas famílias abrem suas portas todos os anos para dar as boas-vindas a um jovem de outro país.*

*O eJournal USA encontrou uma dessas famílias em Beavercreek, Ohio. Eric e Lela Marcus hospedam estudantes do programa Intercâmbio de Jovens, do Rotary Internacional - organização não-governamental sem fins lucrativos, com atividades em 82 países, que envolve cerca de 8 mil estudantes por ano. O programa de intercâmbio para jovens do Rotary recruta clubes rotarianos locais e seus membros para serem anfitriões de estudantes visitantes, com o apoio de muitas famílias da comunidade. Eric e Lela Marcus participaram do programa pela primeira vez em 1998, quando o mais velho dos seus três filhos ingressou na faculdade. Desde então, oito estudantes de sete países juntaram-se à família por períodos que vão de várias semanas até um ano inteiro. Eric e Lela falaram sobre a experiência como família anfitriã com a editora-gerente do eJournal USA, Charlene Porter.*

**Pergunta:** Como é receber um novo estudante de intercâmbio em sua casa?

**Eric:** Eu sempre digo às famílias que possam vir a hospedar um estudante, e digo aos estudantes também, que uma família tem 15 ou 16 anos para conhecer seus próprios filhos. Essas crianças têm o mesmo período de tempo para saber como seus pais reagem. Mas um estudante de intercâmbio tem cerca de 15 ou 16 minutos para tudo isso quando se muda para a casa de alguém. É um esforço de ambos os lados, porque eles simplesmente não sabem como a família funciona: o que é certo, o que é errado, o que é aceitável, o que não é aceitável..., então, estamos sempre nos deparando com limites.

Porém, algumas vezes tudo se encaixa. Tivemos uma moça da Argentina dois anos atrás que era uma pessoa simplesmente incrível. Ela veio para nossa casa, e era como se tivesse nascido lá.

**Lela:** "Ela é um tesouro." Nós ensinamos essa frase

americana para ela e ela simplesmente adorou. Trocou seu nome por esse na internet.

**Eric:** Era como se ela tivesse sido um dos nossos filhos a vida toda. Minha mulher e ela não se largavam. Montaram o barzinho polinésio lá fora, porque quando ela veio era verão. Elas colocaram todas aquelas lamparinas e cordões de luzinhas e sentavam-se lá, bebendo aperitivos não alcoólicos enfeitados com guarda-chuvas.

**Eric:** Antes de mais nada, eu agora tenho filhos em sete países diferentes. Eles são como se fossem meus filhos. Eles me mandam e-mails, mandam muitos e-mails para minha esposa.

**Lela:** Eles não são como se fossem meus filhos. Eles são meus filhos. Eles são meus filhos e me chamam de "mamãe". E eu os amo. Trazem vida para a casa. Estamos envelhecendo, mas ainda somos jovens. Mas estamos



O jovem Eric Marcus, a estudante de intercâmbio Kristina Gembarskaya, Eric Marcus e Lela Marcus (da esquerda para a direita)

envelhecendo, e nos tornando provedores de ninhos vazios, e isso é triste. Construímos esta linda casa para uma grande família, e é tão divertido ter toda essa vivacidade, esses jovens e suas experiências de vida.

É divertido vê-los cometer seus próprios erros, sabe, mesmo os grandes, os ruins. Porque eles têm de aprender, e é bom estar aqui quando eles precisam de um ombro para chorar ou alguém que os incentive, os estimule e lhes mostre o caminho certo.

Como quando estão com saudades de casa. Esse é um grande problema para esses estudantes de intercâmbio. Eles têm saudades de casa mesmo, muita saudade. Não me importo se eles conversam com a família e os amigos para saber das novidades, mas não podem fazer isso durante 24 horas por dia, sete dias por semana. Eles precisam soltar-se e tornar-se adultos.

**Eric:** Outra coisa que descobri, e que é muito engraçado,

é que esses jovens não costumam dizer "não". Para os adolescentes americanos, se você quiser fazer um programa com a família eles reagem, "Ei, sair com mamãe e papai?" Se você pergunta aos estudantes de intercâmbio, "você quer ir à mercearia?" "Quero sim!" "Você quer ir ao Wall-Mart?" "Quero sim!" "Você quer ir a um jogo de beisebol?" "Quero sim!" "Você quer ir à casa de nossos amigos?" "Quero sim!" Qualquer coisa que você queira fazer, eles estão prontos para vestir o casaco e acompanhar. Você pode levá-los a qualquer lugar que for e eles não ficam envergonhados por serem

vistos com os pais. O que é diferente dos nossos próprios jovens. Para eles, não é legal andar com os pais.

Estudantes de intercâmbio são curiosos sobre tudo. Talvez em suas próprias casas eles se comportem como os nossos adolescentes, mas, porque estão aqui, eles querem fazer coisas que não fariam em casa. Como não somos realmente seus pais, eles não nos vêem realmente como seus pais, mas, no final, quando vão embora, nós somos mamãe e papai. Geralmente, no programa de intercâmbio do Rotary, eles têm duas ou três famílias. Eles nos chamam de mamãe e papai, e isso é mesmo muito bom.

**Pergunta:** De que outras formas você os acha parecidos ou diferentes dos seus próprios adolescentes?

**Lela:** O sotaque é diferente, o idioma é diferente, mas eu acho que eles são como nós. Eles choram como nós, sangram como nós, não é? Eles são apenas crianças; metem-se em encrencas como os nossos jovens.



Cortesia: Julieta Mezzano

Eric Marcus com duas de suas irmãs estudantes de intercâmbio, Pichamon, da Tailândia, e Juli, da Argentina

**Eric:** Eles fazem algumas coisas idiotas que os nossos adolescentes também fazem.

**Lela:** Porém, eles são um pouco mais cautelosos.

**Eric:** Talvez deixem de fazer a lição de casa, ou façam alguma coisa que não deveriam, metendo-se em encrencas de vez em quando, exatamente como nossas crianças.

Desse ponto de vista, adolescentes são adolescentes em todo lugar. A gente descobre que eles são feitos no mesmo molde. A única coisa diferente é que eles vêm de um país diferente; têm um sotaque diferente e uma cultura diferente.

Mas é divertido conhecer outras culturas também. Tivemos uma estudante da Tailândia, uma menina, por apenas duas semanas, antes que ela se mudasse para outra família. Fomos a uma mercearia oriental e ela ficou louca, comprando todas aquelas coisas da Tailândia. Levamos tudo para casa e ela nos preparou um grande jantar tailandês, que foi muito bom.

**Lela:** Foi surpreendente.

**Eric:** E, assim, experimentamos um pouco das coisas dos seus países. A gente os ouve falar dos seus países. Aprendemos sobre eles, tanto quanto eles aprendem sobre o nosso.

Alguns deles não dominam o inglês quando chegam aqui. Ajudando-os a aprender o idioma e vendo-os ao final do intercâmbio, parecem que são dos Estados Unidos.

**Pergunta:** Vocês estão acolhendo esses jovens em sua casa de uma maneira muito pessoal, mas vocês também se vêem desempenhando um papel no entendimento internacional?

**Lela:** Sim, vemos.

**Eric:** Estou muito envolvido com o Rotary e vou às convenções. Dois anos atrás, o presidente do Rotary disse que se todos os jovens de 17 anos se tornassem estudantes





Cortesia: Lili Villalobos Gilbert

O passeio turístico pelos Estados Unidos é um dos pontos altos do programa de intercâmbio para estudantes do Rotary. Entre estes estudantes, retratados na ponte Golden Gate em São Francisco, em 2004, está Lili Villalobos Gilbert (à direita, embaixo), que morou com a família Marcus naquele ano

de intercâmbio não teríamos mais guerra, porque eles iriam a outros países e os conheceriam in loco, seriam verdadeiros cidadãos do mundo – e não desejariam entrar em guerra com outros países. Creio que isso é óbvio, realmente acredito.

**Pergunta:** E quanto à sua comunidade? Em Beaver Creek, Ohio, vocês apresentam os estudantes aos amigos e vizinhos que encontram na mercearia. Vocês os estão ajudando a conhecer um pouco melhor outros países por meio desses jovens?

**Lela:** Sim, creio que sim. Acredito que todos se apaixonam por esses intercambistas, tanto quanto nós. Eles falam sem parar sobre suas experiências enquanto estão aqui.

As pessoas se apaixonam por eles e os ajudam também. Quando estão na escola, os jovens os aceitam muito bem. Eles se adaptam como uma luva.

**Eric:** Acredito que a integração é maior com os jovens do ensino médio. Eles se tornam parte da classe. Todos na escola sabem quem eles são. Conhecem jovens de outro país e aprendem com eles. E o melhor sobre o programa do Rotary é que enviamos jovens americanos em intercâmbio com esses jovens. Para cada estudante que vem aos Estados Unidos, um estudante americano também vai ao seu país. É um por um. ■

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA*

## Os Jovens com a Palavra

Intercambistas compartilham suas lembranças da casa da família Marcus



### **Kristina Gembarskaya**

*Kristina é de Tyumen, na Sibéria (Rússia). Ela morou com Eric e Lela Marcus e freqüentou a escola de ensino médio Beavercreek como intercambista do Rotary em 2007. Agora está de volta à Rússia para estudar em uma universidade de Línguas Estrangeiras com a intenção de se tornar tradutora.*

Quando vim para os Estados Unidos, tinha um pouco de receio do meu inglês não ser bom. Tudo era muito novo e desconhecido. A família Marcus me ajudou muito com o aprendizado da cultura americana, a comunicação com outras pessoas, etc. Eles me ajudaram a formar minha própria opinião e meu próprio ponto de vista sobre os Estados Unidos.

Fizemos muitas coisas interessantes juntos e nos divertimos muito. Minhas melhores lembranças são ter ido aos jogos de futebol americano, basquete e beisebol, passar os fins de semana na casa do lago, pescar e pintar junto com Lela Marcus. Pintei dois quadros grandes com ela e enviamos para a minha mãe na Rússia! Foi muito emocionante! Nunca imaginei que eu conseguiria pintar. Foi novidade para mim. Também adorava passar o tempo com a família inteira, quando todo mundo vinha passar os feriados em família e ficávamos todos juntos. Eu me sentia parte da família, e era incrível.

## Javier Alfaro

*Javier é de Grecia, na província de Alajuela (Costa Rica). Intercambista do Rotary, ficou hospedado com a família Marcus em 1999. Hoje, aos 25 anos, trabalha como engenheiro industrial na Procter & Gamble e está fazendo o mestrado em Finanças e Economia.*

Uma das melhores lembranças que tenho... eu estava jogando futebol sozinho tarde da noite no quintal da casa. Minha mãe, Lela, chegou perto de mim e disse: "Filho, está ficando tarde, acho melhor você entrar." Entrei, e ela percebeu que eu estava meio triste, então conversou comigo. Eu estava com saudades de casa.

Uma coisa muito bonita aconteceu bem no dia seguinte... algo que nunca vou esquecer. Lela fez o almoço para a família inteira e pôs a mesa para todos nós. Todos os pratos eram brancos e, na minha frente, ela colocou um prato vermelho. Eu não sabia qual era o motivo, e ela disse: "Hoje, você é especial", as mesmas palavras escritas no prato. Tive vontade de chorar, a abracei e beijei e disse "obrigado". A partir daquele momento, ficamos muito próximos, e passei a chamá-la de mãe e ela, a me chamar de filho.

## Hulda Liliana Villalobos Gilbert (Lili)

*Lili é de Irapuato, Guanajuato (México), e passou um ano como intercambista do Rotary em 2003-2004. Hoje, aos 21 anos, está cursando a faculdade de Negócios Internacionais.*



Cortesia: Lili Villalobos Gilbert

A intercambista Lili Villalobos Gilbert em parada durante viagem pelo Oeste americano em 2004

Posso afirmar que este ano foi o mais maravilhoso da minha vida. Conheci muitas pessoas de países diferentes, novas culturas, diferentes pontos de vista, muitos estilos de vida, etc. Cresci de forma surpreendente como pessoa; amadureci muito.

Quando finalmente fui informada de que iria para os Estados Unidos, fiquei muito animada, porque o meu maior desejo sempre foi passar um ano como estudante de intercâmbio. Eu queria muito ir para os Estados Unidos por causa do país e da língua. Todos sabemos, o inglês é o idioma "universal e comercial".

Fiquei muito feliz mas, por outro lado, fiquei muito ansiosa com o que iria enfrentar. Fiquei preocupada por causa das pessoas, se elas seriam legais, o estado, a cidade, como seria... sabe, esse tipo de dúvida.

Quando se está lá, o início é muito, muito difícil. Senti muita dificuldade nos primeiros dois ou três meses porque tudo era novo para mim. Tive de me adaptar a uma nova vida; a um novo lugar; novas pessoas; alimentação e horários diferentes, etc. Mas acabei me acostumando. E essa passou a ser a minha vida normal.

Minha terceira família foi a família Marcus; eles são pessoas muito legais. Para mim eles são pessoas felizes. Realmente gostam de ser pais anfitriões, porque acho que também aprendem muito com os estudantes que moram com eles.

Lela e Eric são ótimos. (...) Eu podia trocar uma idéia com eles sempre que precisava. Eles sabiam que eu era uma intercambista de outro país e que às vezes podia pensar de maneira diferente. Eles com certeza me entendiam e sempre nos respeitavam. Nem todos conseguem entender isso. Enquanto estudantes de intercâmbio, sempre vamos manter nossa identidade nacional e individual, o que pode ser complicado para alguns pais anfitriões entenderem, mas não para Lela e Eric.

Sobre o "pequeno Eric", acho que ele tinha acabado de completar 13 anos quando eu me hospedei com eles, e

sempre foi um garoto ótimo; eu me diverti muito com ele. Às vezes a gente comia ou jogava junto, o que sempre ficou na lembrança. Passamos ótimos momentos juntos. Ainda entro em contato com ele de vez em quando pela internet.

O que mais gostei de fazer durante esse ano que passei fora foi viajar com os outros intercambistas. Fiz grandes amizades e ainda mantenho contato com muitos deles. Sempre me lembro deles como bons amigos e meu objetivo é continuar a manter contato para sempre.

Eu cresci como pessoa. Ficar separada da minha família foi um grande desafio e um grande passo para a independência. Fazer amizades com pessoas de países diferentes permitiu que eu me tornasse uma pessoa mais global, e hoje posso ver o mundo com um olhar mais amplo. Sinto que sou uma pessoa diferente, mais madura e com diferentes pontos de vista, e aquele ano de fato me ajudou muito e sempre vou me lembrar dele como um dos melhores.

Lembro de uma frase que criamos naquele ano que explica tudo o que vivíamos naquele momento: "O mundo é do tamanho que a gente faz."

## Julieta Mezzano

*Juli, 20 anos, é de Córdoba, Argentina. Participou do programa de intercâmbio para jovens do Rotary em 2005 e agora está estudando Nutrição e Tecnologia de Alimentos.*



Cortesia: Julieta Mezzano

A intercambista Julieta Mezzano (à direita) com Lela Marcus no Natal, em Ohio

**F**iquei quase um ano em Ohio, mas em quatro famílias diferentes, porque o Rotary faz você trocar de família a cada três ou quatro meses.

Morar em cada casa foi fantástico porque, acredite se quiser, cada uma era como um pequeno intercâmbio. Uma família era muito diferente da outra, e você se sente como se estivesse em locais diferentes!

Passei o verão inteiro na casa da família Marcus. Tive ótimos momentos lá! Eles são uma família divertida e fazem você se sentir em casa. No primeiro dia, eles me disseram: "Mi casa es su casa" [minha casa é sua casa], e foi assim até o fim da estadia. Eles deixavam a gente usar o computador sempre que queríamos, comer quando queríamos e dormir até meio dia! Oba (mas só porque era férias, do contrário eles me fariam me levantar ao raiar do sol para ir para a escola!!).

Meu irmão anfitrião, o "pequeno Eric", sempre me ajudava com meu inglês e era meu companheirinho.

Nos fins de semana, íamos sempre ao Indian Lake e, junto com "o pequeno e o grande Eric", costumávamos assistir a muitos filmes, jogar cartas ou jogos de mesa, ir à piscina, ir de barco ao McDonalds!

Durante a semana, costumava ficar a maior parte do tempo com Lela, a mãe, grande ouvinte e conselheira. Ela é muito criativa e habilidosa, e juntas fazíamos pinturas, colares, brincos e esse tipo de coisa que eu ainda tenho e que me fazem lembrar dela. Ela ficava a maior parte do tempo fazendo piadas e nunca me deixava sozinha.

Ser uma intercambista é uma super experiência. Acho que todo mundo deveria passar por essa experiência. Abre sua mente para outras culturas, para outras formas de pensar — só porque são diferentes não quer dizer que sejam erradas.

Nunca vou me esquecer desses momentos, desses lugares, das pessoas que conheci. Um ano longe da família pode parecer muito tempo, mas garanto que passa muito rápido. ■

---

*As opiniões expressas nestes comentários não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Hospitalidade Romana

Justin Britt-Gibson

*Jovem americano quer pautar sua vida por um ritmo que conheceu em Roma.*

*Justin Britt-Gibson, 25 anos, estudou no campus de Roma da Universidade de Temple no primeiro semestre de 2004. cursou cinema e redação criativa na Itália e graduou-se em cinema e comunicação naquele mesmo ano. Justin mora agora em Los Angeles, onde tenta a carreira de roteirista.*

**E**ra meados de janeiro de 2004 quando aterrissei em Roma. Era inverno, e uma chuva fria lavava as ruas pelo que parecia uma eternidade. Era a minha primeira viagem ao exterior e eu mal conhecia uma palavra do idioma.

Quando cheguei na cidade, uma profusão de letreiros, cartazes e faixas deixava claro que a barreira da língua seria um tremendo obstáculo a ser vencido. Lembro de que me perdi no primeiro dia na cidade e, nos dias que se seguiram, passei perguntando às pessoas em inglês, feito bobo, o caminho, ou pedindo alguma coisa no café local, assassinando o pouco de italiano que sabia. E como poderia esquecer do câmbio – o todo-poderoso euro drenando meu cartão de crédito sem piedade, graças à sua cotação superior em relação ao dólar americano.

Depois, havia o café.

Para um americano saudável, viciado nas xícaras de café de tamanho gigante servidas na Starbucks, levou algum tempo para me acostumar ao expresso. "Onde está o resto?" Com frequência me perguntava, olhando para a minúscula xícara com uma pequena porção de cafeína. Por fim, havia o café da manhã: croissants, pães doces, rosquinhas e uma variedade de outros pães. Como sobreviveria por quatro meses sem meus ovos, panquecas, bacon e torradas? Eu estava começando a acreditar que não havia sido feito para viver no exterior, que estaria melhor se tivesse ficado na faculdade no último semestre, em um ambiente mais familiar. Então, sem mais nem menos, alguma coisa milagrosa aconteceu... um evento que sozinho abrandou meu temor de alienação e a saudade de casa.

Fiz amigos.

Desafiando o tráfego humano que inundava a Piazza del Popolo [Praça do Povo] com colegas estudantes, encontramos um pequeno bar subterrâneo. Um lousa escrita com giz ao lado da entrada do bar anunciava bebidas baratas, e a escolha foi imediata. Foi ali que encontramos os nossos futuros melhores amigos, Fabrizio, Federico, Antonello e Flavia, sentados em uma mesa em frente à nossa, desejosos de fazer contato. Fabrizio intrepidamente arrastou seu banco para a nossa mesa, apresentou-se, e perguntou de onde vínhamos. Em minutos, o resto da turma de Fabrizio juntou-se a nós. Ficamos conversando até a hora em que o bar fechou, comparando nossas respectivas culturas, aprendendo as diferenças e as muitas similaridades. Quando fomos postos para fora, ganhamos as ruas.



Cortesia: Justin Britt-Gibson  
Justin Britt-Gibson em Los Angeles, Califórnia, em 2007

Uma caminhada noturna tornou-se um passeio por Roma que varou a noite inteira. Visitamos a Fonte de Trevi, uma famosa escultura mostrada em um dos meus filmes favoritos, *La Dolce Vita*. Fiquei boquiaberto quando, ao caminhar pela Praça Navona, nos deparamos com a movimentação intensa de artistas e comerciantes de rua. Caminhamos ao longo dos muros da Cidade do Vaticano e caçoamos dos guardas de segurança do cemitério que dormiam confortavelmente dentro de seus veículos durante o turno. Por fim, subimos a escadaria da Praça de Espanha e nos deparamos com uma vista magnífica de toda a cidade. Ao assistir ao nascer do sol no topo daquela majestosa escadaria, quaisquer dúvidas, receios ou frustrações que eu mantivera com essa nova experiência caíram por terra. De repente, senti-me em casa nesse novo cenário e esperei com ansiedade por mais passeios noturnos junto com meus novos "irmãos" romanos.

No decorrer do semestre, Fabrizio e sua turma nos mostraram a verdadeira face de Roma. Nem mapas nem guias de viagem se compararam aos nossos navegadores romanos, que nos mostraram os locais noturnos mais ocultos da cidade. Bares onde se fuma narguilé, discotecas, bares, cafés – conhecemos todos eles. Quanto mais nos aventurávamos, mais amigos eu fazia ao longo do caminho. Na verdade, meus passeios noturnos tornaram-se tão comuns, que meus estudos deixaram de receber toda a minha atenção. Mas como poderia eu me ater aos livros, quando a Itália real me chamava fora dos portões da universidade?

*Subimos a escadaria da Praça de Espanha e nos deparamos com uma vista magnífica de toda a cidade. Ao assistir ao nascer do sol no topo daquela majestosa escadaria, quaisquer dúvidas, receios ou frustrações que eu mantivera com essa nova experiência caíram por terra.*

Bem depressa me acostumei à vida na Cidade Eterna. Senti que tinha encontrado um novo lar. Imagine chegar à conclusão de que você está vivendo os melhores momentos de sua vida. Minha experiência em Roma foi, e continua sendo, difícil de ser suplantada.

Tornei-me um morador local, dando aos turistas dicas de lugares a serem visitados e conversando em italiano. Graças à interação diária com os meus amigos locais, eu estava falando o idioma mais fluentemente e com mais frequência. Meus amigos eram meus professores informais de italiano. Nas noites de véspera de provas eu geralmente estava com Fabrizio e Federico, que repassavam as questões básicas e me ensinavam atalhos para entender melhor seu idioma.

E então chegou a última semana. Com os exames concluídos e trabalhos entregues, passei cinco dias tristes me despedindo de Roma e dos amigos que fiz durante o semestre. Sem a ajuda deles, minha vida no exterior não teria se tornado a experiência culturalmente rica e gratificante que foi.

Eu estava encantado com a minha experiência em Roma, com seu ritmo de vida confortável e tranquilo. Os italianos dão prioridade à família e aos amigos e ainda têm um compromisso, ainda que bem flexível, com o trabalho. É claro que meus amigos italianos tinham empregos, mas eles não pareciam tão obsessivos nesse aspecto como as pessoas nos Estados Unidos geralmente são. Passados três anos, é essa dicotomia entre as duas culturas que eu luto para contrabalançar aqui na América – a obsessão pelo trabalho, pela carreira no meu país com o ritmo mais sossegado de Roma.

Três anos depois daquele semestre no exterior, Roma ainda permanece gravada nos meus pensamentos. Não passa nem um dia sequer que eu não sinta a tentação de largar tudo e fugir para a capital da Itália para recomeçar tudo do ponto em que deixei em 2004. Graças às amizades valiosas que mantenho até hoje, terei sempre à minha disposição alguns sofás, caso um dia eu resolva voltar.

Espero apenas retribuir na mesma moeda aos meus amigos romanos quando eles puderem me visitar nos Estados Unidos. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Uma Experiência que Mudou Minha Vida

Fariz Ismailzade

*Importantes lições de vida podem ser aprendidas nas tarefas mais simples. Assim pensa o azerbaijano Fariz Ismailzade sobre suas experiências como estudante de intercâmbio nos Estados Unidos.*

*Fariz esteve nos Estados Unidos como estudante de intercâmbio no ensino médio e na faculdade. Voltou ao Azerbaijão para formar-se pela Universidade Ocidental em Baku e trabalhou como ativista da democracia. Atualmente ele trabalha no Ministério das Relações Exteriores do Azerbaijão como diretor de programas de treinamento na academia diplomática. Também chefa a Associação de ex-alunos do Azerbaijão, que inclui cidadãos do Azerbaijão educados nos EUA.*

**E**m 1995, eu tinha 16 anos quando fui aceito no programa de intercâmbio de ensino médio, chamado Intercâmbio de Futuros Líderes e patrocinado pelo Departamento de Estado dos EUA. Lembro de que naquela época havia muitos estereótipos em relação aos americanos e à vida nos Estados Unidos. Vindo de Lankaran, cidade rural do sul do Azerbaijão, apenas quatro anos depois de o meu país começar a abrir-se para o resto do planeta, eu tinha uma visão limitada do mundo.

Tanto meus pais quanto eu ficamos preocupados com minha estada de um ano na casa de uma família anfitriã americana. Apesar dessas inquietações, eu estava também empolgado e emocionado com a oportunidade.

Naquele dia, no aeroporto, quando minha viagem estava para começar, senti que um novo mundo se abria para mim. Eu estava vestido com uma camiseta nova, estilo americano, e jeans e usava meus tênis novos. Já estava procurando imitar meus colegas americanos. Outros quarenta e cinco jovens azerbaijanos do mesmo programa de intercâmbio voariam comigo. Ficamos conversando sobre nossos estados anfitriões, tentando impressionar um ao outro com as brilhantes qualidades de nossas famílias anfitriãs. Um rapaz disse que seu pai anfitrião era banqueiro. E todos disseram "Uau". Outro disse que sua família anfitriã morava no Havaí. Uau. Eu não tinha muita coisa de que me gabar, pois minha família anfitriã morava na área rural de Oregon e eu não tinha a menor idéia de como era esse estado.

Quando cheguei no Oregon, minha família anfitriã me recebeu no aeroporto com uma tabuleta escrita no idioma azerbaijano. Perguntei ao meu pai anfitrião como isso tinha sido possível, e ele respondeu "internet". Foi minha primeira apresentação ao poder da internet. Pouco sabia, então, que passaria a depender dessa invenção maravilhosa pelo resto da minha vida.



Cortesia: Fariz Ismailzade  
Fariz Ismailzade fala a um grupo enquanto participa da bolsa do Fundo Memorial John Smith sobre Democracia e Governança em Londres, em 2007

Fomos então de carro para casa e, no caminho, decidimos parar no McDonalds para comprar *milkshake*. Meus irmãos anfitriões começaram imediatamente a brigar pela parte maior. Para mim, era o começo do fim dos estereótipos. Comecei a perceber que os americanos eram exatamente como nós azerbaijanos — pessoas normais com desejos, problemas e hábitos cotidianos, bem como estilos de comportamento.

Em meu primeiro dia inteiro nesse novo e estranho lugar, aprendi a lavar pratos. Minha mãe anfitriã me pediu para cuidar das tarefas domésticas duas vezes por semana, como faziam meus irmãos anfitriões. No Azerbaijão, só as mulheres lavam pratos, e para mim essa tarefa era um pouco humilhante. Jamais fizera isso em minha vida. Mas a mãe anfitriã deixou bem claro que não faria diferença alguma entre seus "três filhos". O fato de ela me incluir na lista deixou-me muito orgulhoso e, na verdade, eu queria me destacar nessas tarefas. Depois, na cozinha, minha mãe americana e eu muitas vezes conversávamos sobre meu país enquanto cortávamos verduras para a salada do jantar.

Na semana seguinte aprendi a lavar minhas roupas na máquina de lavar e a pô-las na secadora. Aprendi também a fazer compras no grande supermercado, escrever cartas e levá-las ao correio, planejar meu orçamento mensal, organizar

minha agenda, inscrever-me em aulas ... a lista continua. Conseqüentemente, tornei-me uma pessoa auto-suficiente, independente, madura e organizada. Em uma sociedade tradicional como a do Azerbaijão, as crianças raramente aprendem essas habilidades e continuam a depender de seus pais até a meia-idade.

Meu temperamento auto-suficiente e esse conjunto de habilidades me ajudam ainda hoje. Desde que voltei, jamais aceitei um único centavo de meus pais e consegui custear meus estudos na faculdade e na pós-graduação.

Enquanto estava nos Estados Unidos, também aprendi o que é necessário para ser um ativista cívico. No Azerbaijão, onde tradicionalmente tudo depende do governo, os cidadãos e os jovens quase não têm oportunidade de realizar mudanças em suas comunidades. No Oregon, vi como os estudantes desenvolviam projetos, levantavam fundos, organizavam eventos esportivos, ajudavam a comunidade, programavam viagens com a classe e faziam um *brainstorm* coletivo em busca de novas idéias. Tornei-me parte da equipe que iria angariar fundos para a viagem da classe, e os membros me acolheram e me mostraram maneiras de me engajar. Era uma grande responsabilidade para um jovem azerbaijano, mas também foi divertido. Lavar carros, vender petiscos durante as competições esportivas, planejar o boletim informativo escolar, tirar fotos, fazer entrevistas, planejar a viagem ... essas tarefas me moldaram muito e me ajudaram a desenvolver criatividade, responsabilidade e trabalho de equipe.

Desde que voltei, esse ativismo cívico passou a ser parte inseparável da minha vida, quer seja como editor do boletim informativo da faculdade, organizador de clubes de discussão ou trabalhando como promotor da democracia, jornalista autônomo e fundador da maior e mais bem-sucedida associação de ex-alunos do Azerbaijão [www.aaa.org.az].

Minha segunda viagem de intercâmbio aos Estados Unidos fez com que eu entendesse melhor o sistema político americano e as formas de participação. Eu estava freqüentando a Universidade de Wesley no Connecticut, e sua proximidade de Washington e Nova York me deixou interessado na política local e internacional. Lembro de minha primeira carta ao presidente Clinton e à secretária de Estado Madeleine Albright para apoiar o projeto de um oleoduto no meu país. Escrevi ao representante de Connecticut na Câmara dos Deputados em Washington para instá-lo a apoiar o processo de paz entre o Azerbaijão e a Armênia. Lembro de como fiquei emocionado quando o parlamentar Sam Gejdenson me respondeu.

No fim do ano de intercâmbio na faculdade, decidi fazer estágio em Washington, D.C., reduto de atividade política, debates, lobistas e políticos. O estágio no Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais me ensinou maneiras mais inteligentes e pragmáticas de defender um caso perante o *establishment* político dos Estados Unidos.

*Tornei-me parte da equipe que iria angariar fundos para a viagem da classe, e os membros me acolheram e me mostraram maneiras de me engajar. Era uma grande responsabilidade para um jovem azerbaijano, mas também foi divertido.*



As lições aprendidas durante aquele ano ainda hoje me ajudam. No começo de 2007, foi-me oferecido um emprego no Ministério das Relações Exteriores do Azerbaijão para chefiar os programas de treinamento de diplomatas recém-recrutados. O convite veio como resultado das boas relações construídas com nossa embaixada nos Estados Unidos durante aquele estágio em Washington.

Hoje, trabalho para moldar e melhorar o moderno e independente Azerbaijão com meu trabalho de base e meus projetos educacionais. As lições dos anos de intercâmbio nos Estados Unidos ainda me acompanham — na vida há sempre problemas, e sempre é possível encontrar soluções. As oportunidades são ilimitadas, e deve-se sempre buscar novas oportunidades e novo ativismo. A vida é muito curta para ser desperdiçada. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA*

## FLEX e YES

Depois que a União Soviética se esfacelou em Estados independentes, o governo dos EUA decidiu que seria boa idéia trazer alguns estudantes de escolas do ensino médio desses países para estudar nos Estados Unidos. Assim nasceu o programa de Intercâmbio de Futuros Líderes (Flex), que recebeu mais de 15 mil estudantes desde o início dos anos 1990.

A idéia era encontrar alguns jovens realmente brilhantes e levá-los para os Estados Unidos para que adotassem uma nova posição perante a vida, a sociedade e ao próprio futuro. O Flex também está tentando mostrar aos jovens de outros países como o cidadão americano médio se envolve em atividades cívicas, procura resolver os problemas sociais e trabalha para tornar sua comunidade um lugar melhor para viver.

Quando os estudantes deixam os Estados Unidos e voltam para casa, é de se esperar que a experiência os inspire a tentar melhorar as coisas em suas próprias cidades.

Entre os países que participam do programa Flex estão Armênia, Azerbaijão, Belarus, Geórgia, Cazaquistão, Quirguistão, Moldávia, Rússia, Tadjiquistão, Turcomenistão e Ucrânia.

Mais informações e instruções sobre o processo de inscrição no Flex estão disponíveis em <http://exchanges.state.gov/education/citizens/students/eurasia/flex/gallery.htm>.

O Programa de Intercâmbio Educacional para Jovens (YES) é um programa análogo lançado em outubro de 2002 para construir o entendimento mútuo entre americanos e povos de países com populações muçulmanas expressivas. Estudantes de escolas de ensino médio passam até um ano acadêmico nos Estados Unidos; moram com famílias anfitriãs, freqüentam a escola, participam de atividades para aprender sobre a sociedade e os valores americanos, adquirem habilidades de liderança e ajudam a instruir os americanos sobre seus países e culturas. Ao voltar, aplicam suas habilidades de liderança em casa, em projetos de serviços.

Crescendo firmemente a cada ano rumo à meta de mil estudantes no ano letivo de 2009-2010, o programa YES agora recebe jovens de mais de 30 países, da África Ocidental ao Sudeste Asiático.

Mais informações sobre o programa YES estão disponíveis em <http://exchanges.state.gov/education/citizens/students/programs/yes.htm>

# Fazendo a Diferença

Alexandra M. Abboud

*Três jovens chegam à idade adulta imbuídos do propósito de melhorar as condições do mundo em desenvolvimento*



Mãe alimenta sua pequena filha com a ajuda de programa da organização Pão para o Mundo em Burkina Fasso

Margaret W. Nea/Pão para o Mundo

Mais de 57 mil organizações sem fins lucrativos de cerca de 180 países estão registradas no site Idealist.org. O site serve como ponto de encontro para aqueles interessados em carreira e voluntariado em organizações sem fins lucrativos envolvidas em uma ampla gama de atividades sociais, filantrópicas e humanitárias. O Idealist.org destaca as várias organizações nos Estados Unidos e no exterior que atraem estudantes universitários, formandos e outros "que querem mudar suas comunidades e o mundo conectando pessoas, idéias e recursos de todas as maneiras possíveis", segundo o site. As relações estabelecidas por pessoas que entram nesse trabalho levam geralmente a intercâmbios multiculturais entre apaixonados e idealistas de todo o mundo que trabalham juntos por uma causa comum.

Alexandra Abboud, redatora e editora do Departamento de Estado, entrevistou, nos Estados Unidos, três jovens adultos que trabalham na defesa de questões que lhes são caras. Suas histórias estão a seguir.

## **Diana Smith: Dignidade humana básica**

*Diana é estagiária de política internacional na Pão para o Mundo, organização sem fins lucrativos sediada nos EUA que tem o objetivo de promover mudanças políticas voltadas para as causas profundas da fome e da pobreza nos Estados Unidos e no exterior. Em 2006, formou-se na Faculdade Wheaton de Illinois, onde estudou antropologia. Diana tem 23 anos.*

Sempre tive grande interesse no desenvolvimento internacional, inspirada por meu irmão, que trabalhou vários anos com a Organização Mundial de Saúde em países como Sudão, Chade e Bangladesh. Mais especificamente, a minha preocupação é reduzir a fome.

Quando eu tinha 15 anos, escrevi um trabalho de pesquisa sobre desnutrição e também poesia, procurando imaginar como a fome afeta as pessoas do ponto de vista social e psicológico. Quando frequentava a Faculdade Wheaton, participei de um programa que me permitiu passar seis meses em Gana com refugiados da Libéria. Tive assim a oportunidade de distribuir mantimentos mensalmente – sal iodado, mistura de milho e soja, óleo, ervilhas secas e maïs. Quando terminei a faculdade, o diretor do curso sugeriu que eu me candidatasse a um estágio de um ano na Pão para o Mundo e aprendesse a defender mudanças políticas em nome daqueles que havia conhecido em Gana, em Bangladesh, no Egito e em outros lugares ao longo do caminho.

O que mais me interessa são as pessoas em sua beleza e dignidade humana básica. Tenho interesse em saber como elas se desenvolvem e vivem a vida, quais são os desafios com que se deparam e como se dispõem a enfrentá-los. Vim para a Pão para o Mundo na condição de aprendiz, buscando entender a forma como o governo dos EUA trata a concessão de ajuda externa. Já vi vários projetos de desenvolvimento, mas nunca entendi de onde vem o financiamento. Meu estágio na Pão para o Mundo

ajuda-me a compreender melhor a dinâmica política e orçamentária da perspectiva dos EUA.

Estou feliz por despertar a consciência dos americanos sobre coisas que eles podem realizar para fazer a diferença no mundo. Passei um verão em Bangladesh trabalhando com profissionais do sexo e, ao partir, ouvi o seguinte de um colega de lá: "Ao chegar à sua terra natal, não deixe de contar sua experiência! Conte o que viu aqui e como vivemos. Todos vão ouvi-la se disser a verdade". Já presenciei muito isso aqui na Pão para o Mundo. Há muitos americanos que são generosos, mas simplesmente desconhecem a realidade do mundo como eu vi agora. Quando se derem conta de que a cada cinco segundos uma criança morre de fome em alguma parte do mundo e que podem fazer alguma coisa nesse sentido, eles se transformarão em defensores fervorosos.

Para mais informações, veja <http://www.bread.org/>.



Discussão em sala de aula na Escola Mano Amiga Zomeyucan, situada nos arredores da Cidade do México. A escola é parceira da ONG Worldfund, da qual recebe verbas financeiras

Cortesia: Worldfund

### **Alejandro Martinez: Abrindo um mundo de possibilidades**

*Alejandro é estudante da Universidade de Dartmouth, no estado de New Hampshire. Trabalha na Fundação Rassias da Universidade de Dartmouth, que ensina a língua inglesa a estudantes estrangeiros. Pelas mãos da Worldfund, organização dos EUA que promove a educação como meio de redução da pobreza na América Latina, Alejandro retornou à sua terra natal, o México, para ensinar inglês antes de reiniciar seus estudos em Dartmouth. Ele tem 22 anos.*

Comecei a trabalhar como professor de língua espanhola na Fundação Rassias após um ano de trabalho no Departamento de Espanhol da Universidade de Dartmouth. Por intermédio da Fundação Rassias, tomei conhecimento das atividades da Worldfund na promoção da educação na América Latina. Trabalhei como professor ESL (Inglês como Segunda

Língua) na Cidade do México em programas da Worldfund. Atualmente, eu e outros estudantes estamos realizando um trabalho de conscientização no campus da faculdade em Dartmouth sobre a melhoria da educação na América Latina.

Diferentemente de muitas pessoas no México e na América Latina, tive a oportunidade de receber uma excelente educação e posso atestar o quanto isso é importante. A educação abriu um mundo de possibilidades para mim. Precisamos tratar da educação na América Latina para sanar os problemas ali encontrados. Por meio da educação, teremos professores mais fortes e mais bem preparados e populações mais ativas que poderão verdadeiramente fazer a diferença no futuro de seus países.

É importante ter bons professores de língua inglesa na América Latina. Por exemplo, muitos estudantes universitários do México precisam trabalhar enquanto estudam. O aprendizado do inglês oferece uma gama maior de possibilidades de emprego ao terminar o ensino médio e, por fim, será de grande ajuda na futura vida profissional.

Por conta do meu trabalho como professor de inglês no México e de espanhol nos Estados Unidos, tive a oportunidade de discutir questões educacionais e demonstrar às pessoas a sua importância. Despertar a consciência sobre essa questão na minha universidade tem sido para mim uma forma de compartilhar minha cultura e minha experiência com outros. Quanto mais pessoas compreenderem essa questão, maior será a possibilidade de ajudarem e se envolverem.

Quando ensinei inglês na Cidade do México, convivi com alunos da primeira à última série do ensino fundamental. O que mais me impressionou e inspirou foi ouvir suas histórias pessoais e as privações por que passaram para poder freqüentar a escola. Conhecer esses estudantes me ajudou a colocar a minha própria vida e as minhas oportunidades em perspectiva. Eles foram uma inspiração para mim e me fizeram querer exercer um papel mais ativo na ajuda aos outros.



Sayyid Azim/ © AP Images

Agricultores etíopes selecionam bagos de café para processamento na fábrica. A Oxfam está ajudando os agricultores da Etiópia a usar acordos mundiais de comércio para conseguir melhores preços para suas colheitas — iniciativa que obteve algum sucesso em junho de 2007, quando a Etiópia e a rede internacional de cafés Starbucks assinaram um acordo de marca para diferentes variedades de cafés etíopes

reuniões com membros do Congresso dos EUA para que nossos parlamentares pudessem entender melhor como as políticas do nosso país afetam as comunidades no exterior. Esses ativistas trazem uma contribuição autêntica e importante para os debates sobre vários temas.

Desde 2002, a Oxfam faz circular uma petição global chamada "O Grande Barulho", para promover regras comerciais mais equânimes. Na época da reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio em 2005, em Hong Kong, já havíamos coletado mais de 20 milhões de assinaturas em todo o mundo, tanto nos países em desenvolvimento quanto nos desenvolvidos. O esforço global ajudou a fortalecer o papel da sociedade civil em vários países em desenvolvimento. Só na Etiópia, nossos parceiros da sociedade civil conseguiram 3 milhões de assinaturas.

Como americana, tenho a sorte de ter acesso a um sem-número de informações que me permitem ficar a par das questões internacionais e da política externa dos EUA. É importante para todos, mas principalmente para os jovens, procurar notícias imparciais sobre os últimos acontecimentos. A tecnologia nos permite compartilhar informações que cruzam oceanos e fusos horários. Considero-me uma cidadã do mundo, e de Dacar a Nova Délhi e a Denver, acredito firmemente que estamos todos conectados. ■

Para mais informações, veja <http://www.oxfamamerica.org/>.

*Nota do editor: Desde esta entrevista, Sophia foi promovida a organizadora sênior e especialista de treinamento na Oxfam América.*

Para mais informações sobre o trabalho de Alejandro, veja <http://www.worldfund.org/> e <http://www.dartmouth.edu/~rassias/>.

### **Sophia Lafontant: Estamos todos conectados**

*Sophia é a organizadora da Oxfam América nos campi nacionais. A Oxfam é uma organização de Boston, Massachusetts, que defende o desenvolvimento internacional por meio de campanhas e defesa de temas diversos, como redução da pobreza e ajuda humanitária. Com 25 anos, Sophia é formada em serviço social pela Universidade St. Edward no Texas.*

Na Oxfam América, meu trabalho consiste em educar e mobilizar os estudantes universitários nos Estados Unidos no que se refere ao comércio internacional justo. O comércio é um grande tema "guarda-chuva" que abarca muitas questões importantes, como redução da pobreza, meio ambiente e direitos trabalhistas.

Antes de trabalhar na Oxfam América, participei como estudante universitária de uma semana de treinamento em justiça social, programa organizado pela Oxfam e intitulado iniciativa MUDANÇA, no qual os estudantes aprendem sobre campanhas, defesa de causas e engajamento estudantil. Foi a minha primeira experiência na área de desenvolvimento e comércio internacional. Foi quando descobri que os estudantes e os adultos jovens são uma voz poderosa. Precisamos usar nossa voz para produzir uma mudança social positiva e significativa. Isto requer trabalho solidário junto a comunidades desfavorecidas socialmente e, em geral, excluídas do processo decisório.

A Oxfam tem escritórios no mundo todo, e nós trabalhamos em uníssono, apesar dos fusos horários diferentes e dos contextos culturais diversos. Na Oxfam, acreditamos que as vozes internacionais são importantes e devem ser enfatizadas. Por exemplo, nos últimos anos trouxemos para os Estados Unidos agricultores da África Ocidental e da América Central e ativistas de HIV/Aids da Tailândia para se reunirem com seus colegas americanos. Marcamos

### Batendo Bola



O treinamento em futebol promoveu minha carreira de tal maneira que posso treinar bastante para jogar por meu país na Copa do Mundo de 2010 — Henry, Uganda.

**T**rinta futebolistas jovens de escolas de ensino médio e fundamental de 13 países jogaram e treinaram nos Estados Unidos em junho de 2006, indo depois para a Alemanha para assistir à Copa do Mundo. A viagem de duas semanas foi patrocinada pelo Bureau de Assuntos Educacionais e Culturais do Departamento de Estado, pela Liga Principal de Futebol (MLS) e pela World Learning, organização sem fins lucrativos dedicada a intercâmbios internacionais. Jogadores do Afeganistão, Barheïn, Bolívia, China, Indonésia, Líbano, Malásia, Marrocos, Nigéria, Paquistão, África do Sul, Uganda e Uzbequistão participaram desse intercâmbio.

Um ano depois, alguns dos jovens jogadores conversaram com *eJournal USA* sobre como a viagem continua a influenciar suas vidas [ainda] hoje.

Para mais informações sobre os intercâmbios de atletas, veja <http://www.exchanges.state.gov/intlathletics/diplomacy.htm>.

Encontrar um grupo diferente de jogadores de vários países e ficar junto com eles por algum tempo me ensinou muitas coisas. Creio que me fez internacional, o conhecimento que adquiri.

—Philip, Nigéria



Foto: Barry Fitzgerald

Outro ponto alto da visita a Washington para os jovens da delegação de futebol foi encontrar-se com jogadores do time de futebol profissional da cidade, o DC United, inclusive Freddy Adu (de vermelho, à direita)

Fiz muitos amigos. Meu melhor amigo foi Tarek, do Líbano. Ficamos no mesmo quarto. ... Ele foi como um irmão. Ele era muçulmano e eu, cristão. ... Todos os dias ele me dizia para não dormir sem rezar antes... por isso gostei muito dele.

—Henry, Uganda



Foto: Paul Morse/Casa Branca

Imane, do Marrocos, é vista trocando sorrisos com o presidente George W. Bush durante encontro na Casa Branca. Imane e seus colegas também se encontraram com a secretária de Estado, Condoleezza Rice, e com a subsecretária de Estado para Diplomacia e Assuntos Públicos, Karen Hughes, que disse sobre o grupo: "Esses jovens são os futuros líderes do nosso mundo, e é um privilégio poder apresentá-los aos Estados Unidos e uns aos outros." Hughes acompanhou o grupo pela cidade de Nova York e depois até a Alemanha



Foto: Diane Bondareff

Durante uma estada de dois dias na cidade de Nova York, Ibrahim (à esquerda), da Nigéria, e Sheraz, do Paquistão, testaram seus movimentos em uma clínica de treinamento da Liga Principal de Futebol, dirigida por jogadores do time profissional New York Red Bulls. Esses jovens fãs de futebol também assistiram a um jogo entre o Red Bulls e o Los Angeles Galaxy



Foto: Rafael Herlich

Depois de Nova York, o grupo seguiu para a Alemanha, onde são vistos aqui em Römerberg, em Frankfurt. A delegação de futebol juvenil também foi a Nuremberg para assistir ao jogo dos times dos Estados Unidos e de Gana na Copa do Mundo

Apreendi muito com a viagem, e o mais importante, do meu ponto de vista, é o “espírito esportivo”. Para ser o melhor jogador e vencer o jogo você tem de se concentrar nele e jogar com esperança, pensamento positivo e determinação mental. Essas foram as habilidades que aprendi com o treinamento que recebi nos Estados Unidos.

—Basir, Pakistan



Foto: Rafael Herlich

Enquanto esteve na Alemanha, o time multinacional teve tempo para jogar alguns amistosos com equipes das ligas juvenis alemãs

Conviver com muitas pessoas de diferentes países ... ajudou-me muito a adquirir confiança. Posso viver com eles, ficar amigo deles, praticar com eles e compartilhar com eles.

—Memory, Uganda

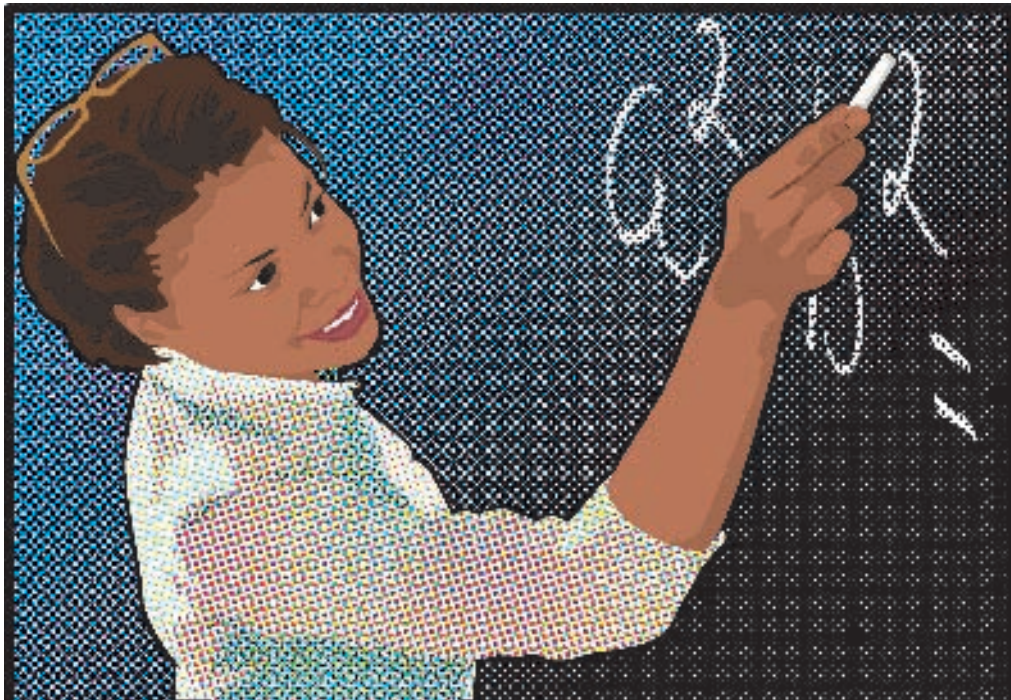


Cortesia: Programa Internacional Delphi da World Learning

Embora os jovens de 13 países fossem estranhos quando se conheceram, eles criaram fortes laços durante a viagem de duas semanas. Fotografados aqui, da esquerda para a direita, estão Muhamad (Malásia), Thulani (África do Sul), Syamsir (Indonésia) e Ibrahim (Nigéria)

## Vivendo e Apreendendo na Diversidade

Webchat com membros da Casa de Coexistência do Oriente Médio



*Universitárias que vivem uma experiência social no campus da Universidade Rutgers em Nova Jersey descrevem algumas de suas experiências e as lições delas extraídas.*

**D**urante o ano letivo de 2006-2007, onze universitárias de diferentes religiões moraram e estudaram lado a lado em um dormitório chamado Casa de Coexistência do Oriente Médio, no campus da Universidade Rutgers. As estudantes — algumas nascidas nos Estados Unidos, outras filhas de imigrantes e outras ainda do Oriente Médio e outros lugares — concordaram em morar na casa para se conhecerem, conhecer suas culturas e discutir assuntos

de importância para o Oriente Médio, na esperança de melhorar as relações entre pessoas de diferentes religiões.

A estudante Danielle Josephs fundou a Casa de Coexistência do Oriente Médio para superar as diferenças entre judias, israelenses, árabes, muçulmanas e cristãs na Rutgers e incentivar o envolvimento das mulheres na resolução e negociação dos conflitos internacionais.



Danielle agora tem o diploma de estudos sobre o Oriente Médio pela Faculdade Douglass, faculdade feminina da Universidade Rutgers. Filha de mãe americana e pai israelense, Danielle quer se tornar negociadora ou formuladora de políticas do Oriente Médio. Danielle e três outras residentes da Casa de Coexistência do Oriente Médio participaram de um webchat patrocinado pelo [usinfo.state.gov](http://usinfo.state.gov) em abril de 2007. As mulheres da casa — identificadas abaixo pela sigla MECH — responderam a perguntas de participantes do webchat durante uma hora. Alguns envolvidos estavam usando seus apelidos na internet e um grupo estava on-line por meio de facilidades técnicas fornecidas pelo Centro de

Recursos de Informação (IRC), afiliado à Embaixada dos EUA no Cairo, Egito.

A transcrição minuto a minuto deste evento cibernético foi editada por motivo de clareza e extensão.



**07:52:42**

**Danielle da MECH :** Sou Danielle Josephs. Bom dia! Agradeço a todos a participação neste bate-papo.

**Dalia da MECH:** Oi para todos. Meu nome é Dalia [Gheith]. Sou caloura da Faculdade Douglass. Estou interessada em línguas estrangeiras e assuntos e relações internacionais. Sou de origem palestina e vivi na Arábia Saudita e na Jordânia durante onze anos antes de vir para os Estados Unidos.

**Sara da MECH:** Oi. Meu nome é Sara Elnakib. Sou uma das muçulmanas da Casa de Coexistência do Oriente Médio. Sou uma estudante de 22 anos, quartanista do curso de Ciências da Nutrição da Universidade Rutgers. Atualmente vivo em Paterson, Nova Jersey; contudo, nasci no Egito e vim para os Estados Unidos quando tinha três anos de idade. Estou à disposição para responder a qualquer pergunta. :)

**Samantha da MECH:** Oi. Eu sou Samantha Shanni. Estou feliz por estar aqui. Sou secundarista de psicologia e estudos do Oriente Médio. Cresci em família de várias religiões. Minha mãe é cristã e meu pai, judeu.

**07:59:35**

**Warda:** Oi. Sou Warda da Universidade de Oran, na Argélia. Quais são os esforços dos jovens americanos para superar a diversidade religiosa e étnica? Obrigada.

**Danielle da MECH:** Oi, Oran. Há inúmeros esforços básicos nos campi de faculdades americanas para superar as diferenças culturais e aceitar a diversidade. Nossa casa é um exemplo. De fato, nossa casa de coexistência é a primeira comunidade de vivência e aprendizado dessa espécie em qualquer campus de faculdade americana. Nosso modelo será copiado no ano que vem em vários campi de faculdades americanas, inclusive na Universidade de Michigan, em Ann Arbor.

**08:03:51**

**Benama:** Desculpe falar isto, mas ao dizerem que estão superando diferenças religiosas e étnicas, vocês não estão privilegiando suas religiões. Todas as religiões puras pedem a coexistência entre as nações, então o problema não é religioso, porque para mim, como muçulmana, sei que um judeu foi vizinho de nosso profeta Maomé (que a paz e bençãos de Allah estejam sobre ele) durante anos na sua cidade (a cidade do profeta).

**Dalia da MECH:** Oi, aqui é a Dalia. Como não estamos privilegiando nossas religiões? Ao contrário, acredito que estamos fazendo coisas boas por nossas religiões quando convivemos com membros de outras religiões, porque mostra que há pessoas



©Todos os direitos reservados à The Star Ledger

Algumas das residentes da Casa de Coexistência do Oriente Médio: (da esquerda para a direita) Danielle Josephs, Estee Atzbi, Leila Halwani e Katherine O'Connor

passa a conhecê-lo em outro nível completamente diferente. Todos os dias há oportunidades de aprendizado. Todo encontro amplia sua base de conhecimentos. Por exemplo, no início do projeto, eu não sabia que as mulheres muçulmanas podiam tirar seus hijab (véus) na presença de outras mulheres. Durante a primeira semana, quando uma de minhas colegas da casa tirou o véu, eu praticamente fugi para outro lugar para não embaraçá-la. Mais tarde ela me disse que isso era totalmente apropriado.

**IRC Cairo:** Dalia, a princípio você sentiu raiva de viver com uma estudante judia sendo de origem palestina?

Dalia da MECH: Aqui é a Dalia. Não, não senti. De fato, eu já estava imaginando que viveria entre judeus na Casa de Coexistência do Oriente Médio. Eu queria que isso acontecesse porque, se não fosse assim, não seria uma verdadeira experiência de "coexistência do Oriente Médio" para mim.

**08:12:38**

**April2:** E quanto a suas outras amigas que não fazem parte da casa? Elas a visitam...e se tornam uma espécie de participante ocasional na experiência de coexistência?

**Dalia da MECH:** Muitos de meus amigos foram afetados por nosso projeto. Ele pode mudar a atitude de uma pessoa sobre como resolver o conflito. Também pode dar esperança aos estudantes, porque estamos tentando uma nova estratégia e não desistimos. Falar com pessoas conhecidas sobre este projeto também trouxe a conscientização sobre a cultura muçulmana e como é viver com alguém religioso ou alguém do Oriente Médio.

**08:14:49**

**Ali Eid do Cairo:** Como os muçulmanos vivem em paz com não-muçulmanos nos EUA?

**Dalia da MECH:** Aqui é a Dalia. Acredito que para nós, muçulmanos, vivermos em paz com não muçulmanos nos Estados

da nossa comunidade religiosa que estão abertas e dispostas a coexistir com membros de diferentes religiões e aceitá-los. De qualquer forma, pessoalmente acredito que surgem problemas com as interpretações de doutrinas religiosas, não com as próprias doutrinas. Concordo com você, penso que nenhuma religião é um problema.

**08:08:07**

**April2:** Você se surpreendeu em certos momentos? Quero dizer, um comentário, uma troca de experiências ou uma ação que abriu seus olhos sobre pessoas de culturas diferentes e como vêem o mundo? O que aconteceu?

**Danielle da MECH:** Oi April. Penso que há surpresas todos os dias. Quando se vive com alguém, você



©Todos os direitos reservados à The Star Ledge

Nadia Sheikh (à esquerda) e Danielle Josephs conversam em um dos dormitórios compartilhados na Casa de Coexistência do Oriente Médio

quartos, digamos, às 2 da manhã, poderá ver uma cena comum: estarmos discutindo religião, política e a vida. É muito interessante porque, mesmo conhecendo judeus e cristãos durante toda a minha vida, nunca tive coragem de perguntar-lhes sobre suas vidas. Esta casa deu-me a oportunidade de aprender realmente não apenas sobre a cultura dos judeus, mas também sobre muitas outras culturas.

#### **08:21:12**

**IRC Cairo:** Oi Danielle. Sou Sally, do Egito. Gostaria de perguntar sobre sua visão do islamismo e como os muçulmanos são tratados na América? Há uma boa comunicação entre você e os judeus e cristãos?

**Danielle da MECH:** Oi Sally. Obrigada por sua pergunta. Para ser bem honesta com você, o islamismo sempre me fascinou. Meu pai é judeu iraquiano. Os pais dele nasceram e cresceram no Iraque — moraram toda a sua vida lá. Meus avós do Iraque cresceram convivendo com seus vizinhos árabes e muçulmanos. Na Rutgers, estudei árabe e penso que é um idioma maravilhoso. Como também falo hebraico, tive facilidade para aprender o árabe. Tenho muitos amigos muçulmanos, e é triste saber das experiências por que passam atualmente devido à sua origem. É especialmente frustrante saber que minhas colegas muçulmanas, cuja maioria usa véu, sofrem discriminação diariamente. Estou determinada, por meio deste projeto, a desmistificar as opiniões equivocadas sobre o islamismo e as mulheres muçulmanas.

#### **08:44:30**

**JRabadov:** Você conseguiu superar as diferenças religiosas entre muçulmanos, judeus e cristãos? Se sim, o que fez até aqui para lidar com essa variedade de culturas?

**Dalia da MECH:** Aqui é a Dalia. Acredito que conseguimos superar as diferenças religiosas entre os três grupos religiosos na Casa de Coexistência do Oriente Médio. Ao concordar em viver juntas, também concordamos em aceitar umas às outras, independentemente de nossas religiões. Tentamos entender os pontos de vista dos outros e aprender sobre suas origens. Tentamos promover a mensagem de coexistência fora de nossa residência e mostrar a outras pessoas dentro e fora de nossa universidade o que temos feito.

Unidos, devemos compreender bem a tolerância citada e promovida por nossa religião. Por consequência, vamos nos tornar mais abertos e aceitar lidar com pessoas de diferentes religiões e viver com elas. Para muçulmanos que estão vivendo em coexistência com membros de diferentes religiões, penso que estão fazendo exatamente isso – aceitar pessoas de diferentes credos e entender o fato de que suas doutrinas promovem a tolerância.

#### **08:19:46**

**Maha do Cairo:** Sara, fale-me sobre sua experiência de viver lado a lado com estudantes de diferentes culturas e religiões.

**Sara da MECH:** Oi, Maha. Esta casa teve um impacto muito grande na minha vida. Acima de tudo, aprendi muito sobre diferentes culturas. Caso alguém entre em nossos

**Samantha da MECH:** Em nossa "aula sobre a casa", uma coisa importante que fazemos para superar as diferenças culturais é aprender a história de diferentes culturas e países. Aprendemos como o Oriente Médio tornou-se o que é atualmente e também sobre costumes, tradições e práticas culturais. Às vezes vemos similaridades entre culturas e filosofias que nos surpreendem. Essa prática é importante porque, para ajudar em um conflito, você deve entendê-lo antes.

**08:53:54**

**IRC Cairo:** Sara, oi, e quanto à influência dos intelectuais muçulmanos americanos no mundo árabe?

**Sara da MECH:** Pessoalmente, acredito muito no poder dos muçulmanos americanos sobre o mundo árabe. Com os conhecimentos e a formação recebidos nos Estados Unidos, eles podem ter muita influência no Oriente Médio. Quanto a mim, estou planejando voltar a viver no Egito após minha formatura e espero mudar de alguma forma a assistência médica no Oriente Médio.

**09:00:22**

**IRC Cairo:** Como vivem os muçulmanos nos EUA atualmente?

**Sara da MECH:** Os muçulmanos vivem muito bem nos Estados Unidos, hoje em dia. Após o 11 de Setembro de 2001, houve um enorme movimento dos não-muçulmanos para entender o islamismo. E desde que houve esse aumento de debate e discussão sobre a religião, as pessoas começaram a ver que há conceitos muito simples e pacíficos no islamismo. Isso fez com que as pessoas tivessem menos temor e ficassem mais tolerantes e receptivas em relação aos muçulmanos. Contudo, não é o caso de todos; penso que depende principalmente de onde você vive. Muitas pessoas ainda não entendem o islamismo e não querem entender.

Como moça muçulmana que usa véu, me deparo com observações maldosas a princípio, mas lido com isso sendo gentil e boa com os outros e tentando discutir esses assuntos em vez de simplesmente deixá-los ir sem conhecer melhor o islamismo.

**IRC Cairo:** Samantha, como você, uma cristã, consegue lidar com pessoas de religiões diferentes? E qual é a imagem delas sobre os cristãos coptas na sociedade americana?

**Samantha da MECH:** Fui acostumada a lidar com outras religiões porque metade da minha família é judia. Ao falar sobre o cristianismo na sociedade americana, descobri que muitas pessoas somente falam dos evangélicos ou dos cristãos extremamente conservadores no governo. É parecido com o modo estereotipado com que vêem os muçulmanos, como se fossem uma coisa só. Quanto mais se conhece sobre religiões, menos isso acontece.

**09:09:42**

**Dalia da MECH:** Obrigada a todas por suas perguntas! Responder a elas foi uma experiência agradável. Espero que minhas respostas tenham dado uma idéia da vida na Casa da Coexistência do Oriente Médio e nos Estados Unidos em geral. Adeus a todos.

**Danielle da MECH:** Oi pessoal. Foi um prazer conversar com vocês. Apreciamos seu apoio e interesse. Por favor, continuem o trabalho valioso que estão fazendo em todo o mundo na luta para criar oportunidades de diálogo entre as pessoas de diferentes religiões e origens étnicas. É vital o nosso apoio mútuo e nossa participação ativa na sociedade global da atualidade. Muito obrigada.

**Sara da MECH:** Espero que todos tenham achado o webchat produtivo. Obrigada por essa oportunidade! Espero que nossa mensagem e nosso projeto continuem a ser divulgados, de modo que outros aprendam com eles. Obrigada novamente!

**Samantha da MECH:** Muito obrigada por sua atenção. Espero que essa discussão tenha ajudado seu entendimento sobre a casa e nossa iniciativa. ■

*As opiniões expressas pelos participantes do webchat são próprias e não refletem necessariamente a posição em as políticas do Departamento de Estado dos Estados Unidos.*

U.S. DEPARTMENT OF STATE  
INTERNATIONAL INFORMATION PROGRAMS  
**USINFO.STATE.GOV**  
SEARCH   
Advanced Search/Arch

Topics | Regions | Resource Tools | **Products** | español | français | русский | العربية | 中文 | فارسی  
Updated: 05 Apr 2007

**Webchat Station**

ARCHIVE  
Previous Webchats  
Upcoming Webchats

WEBCHAT HELP  
Sign up for USINFO Webchats  
FAQs

You Are In: USINFO > Products > Webchats

## The Middle East Coexistence House: Women Bridging Religious and Ethnic Divides



**Danielle Josephs, Dalia Gheith, Sara Elnakib and Samantha Shanni**

Date: Wednesday, 4 April 2007  
Time: 8:00 a.m. EDT (12:00 GMT)

[View Webchat Transcript](#)

Photo courtesy of Danielle Josephs

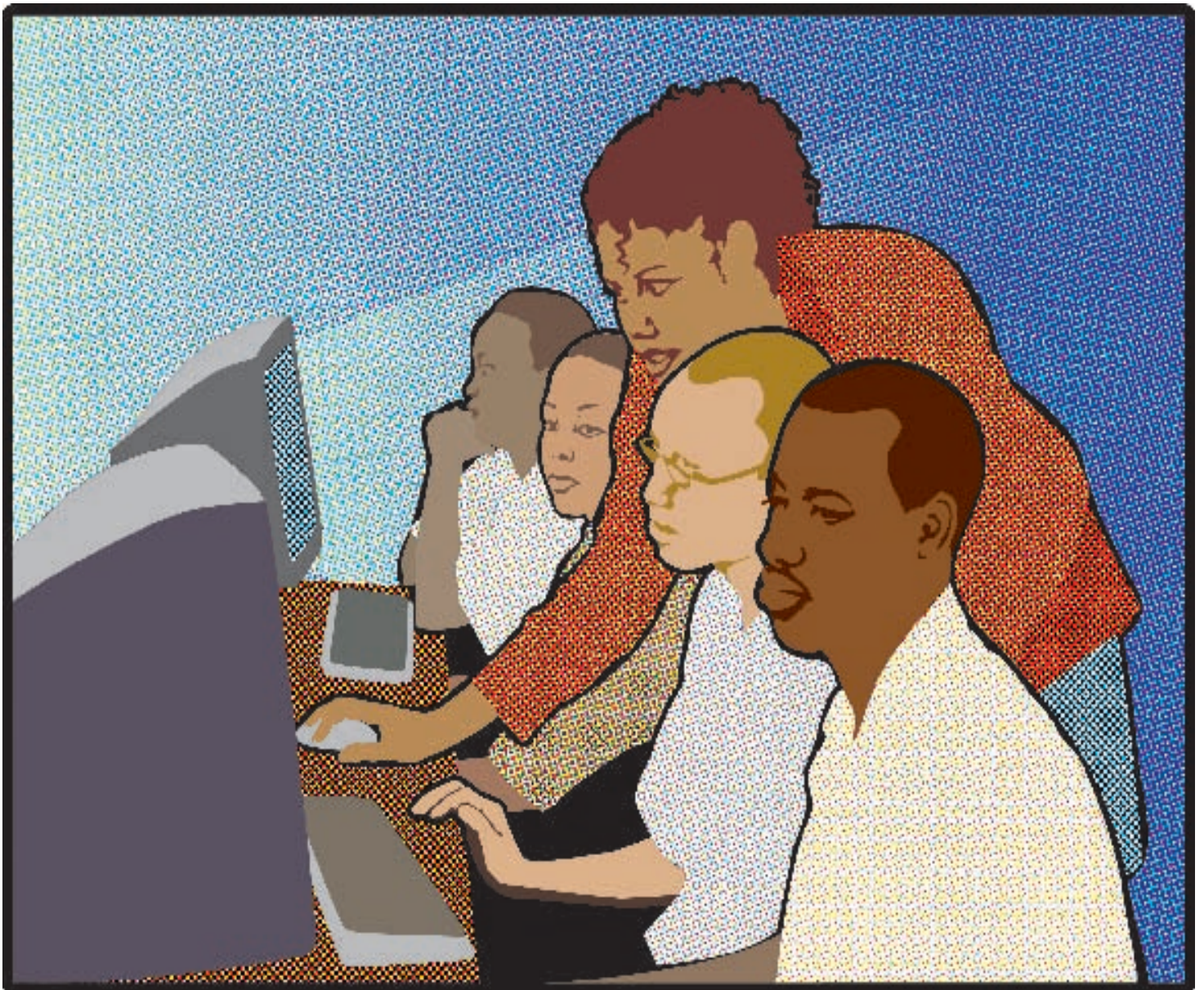
RELATED ITEMS

- Articles
- U.S. College's "Coexistence House" Promotes Religious Tolerance
- Youth Inter-faith Movement Thrives in United States
- Middle East Coexistence House fosters Jewish-Muslim Understanding
- Middle East Teens See Their Future as "Coexistence or No Existence"
- eJournal USA
- Teens in the U.S.A.
- See You in the U.S.A.

Interfaith dialogue and the efforts of young Americans to bridge religious and ethnic differences is the subject of a USINFO webchat focusing on the experiences of students living in a special dormitory at Rutgers University in New Jersey. There, 11 female students of various beliefs — Jewish, Muslim,

Este artigo é baseado em um webchat (foto da tela acima) no [usinfo.state.gov](http://usinfo.state.gov). A transcrição original pode ser encontrada em [http://usinfo.state.gov/usinfo/USINFO/Products/Webchats/coexistence\\_04\\_apr\\_2007.html](http://usinfo.state.gov/usinfo/USINFO/Products/Webchats/coexistence_04_apr_2007.html)

# Rumo a 2020 em Meio aos Ecos do Passado



*Jovens americanos com grandes habilidades em informática são selecionados para participar de um programa de intercâmbio que os envia a Ruanda para ajudar outros jovens a aprender mais sobre computadores. Jovens dos EUA e de Ruanda estão sincronizados quando se trata de ensino e aprendizado, mas juntá-los demanda o apoio de universidades e organizações não-governamentais que querem ajudar os governos africanos a construir um futuro melhor.*

**É** um mundo digital, exceto em nações subdesenvolvidas que não foram capazes de acompanhar os programas de tecnologias da informação (TI). O Centro de Combate à Exclusão Digital (CBDD), no campus da Universidade Estadual de Washington, trabalha para ajudar os países a apanhar o expresso da TI e pegar carona para o futuro. O centro está em atividade para ajudar as pessoas comuns em todo o mundo a melhorar o acesso às modernas tecnologias da informação e ao seu uso. Quem melhor para participar desse esforço do que os jovens que cresceram na era da TI?

Desde 2005, o CBDD envia grupos de jovens para Ruanda para ajudar outros jovens como eles a obterem mais rápido o know-how da tecnologia da informação. Com esse programa, o centro está ajudando Ruanda a alcançar a Visão 2020, política nacional que procura criar uma força de trabalho capacitada em TI e transformar Ruanda em um centro de informações da África.

A Iniciativa Juventude 4 BIT (Tecnologia da Informação Empresarial) do CBDD ajuda alunos do ensino médio na África e nos Estados Unidos a desenvolver habilidades para o mundo real. Os cursos oferecidos vão muito além de jogos de computador. Incluem montagem e atualização de computadores, manutenção do disco rígido e resolução de problemas. Os alunos de Ruanda que participam do programa também estão aprendendo sobre software de diagnóstico e sistemas operacionais. Os alunos se formam nesse programa com grandes habilidades

para o mercado de trabalho, capacitados a entrar na força de trabalho de TI em um momento em que ela está começando a se expandir na África.

Os formados também passam adiante seu conhecimento, trabalhando com outras escolas e instituições para jovens de Ruanda para atualizar as qualificações de TI de outros jovens.

Essas aspirações e investimentos no futuro são feitos em um país que ainda está cicatrizando as feridas do genocídio tribal de 1994 entre tútsis e hutus. Essa luta sangrenta pelo poder resultou em 800 mil mortos e fez com que 2 milhões fugissem pelas fronteiras do país. A nação se esforça pela reconciliação e busca uma das agendas mais ambiciosas do continente para melhorar suas capacidades em tecnologia da informação.

Mas os jovens americanos que foram a Ruanda como instrutores de TI na Iniciativa Juventude 4 BIT ouviram o tempo todo os ecos do passado trágico, como ilustram as histórias abaixo. Primeiro, Brian Newman, 22 anos, de Renton, Washington, que está se formando em sistemas de informação na Universidade Estadual de Washington, diz como a conversa casual na hora do almoço resultou em uma melhor compreensão dos outros colegas. Depois, Leah Rommereim, 21 anos, de Pasco, Washington, que recentemente se formou na Universidade de Puget Sound, reconta como uma marcha em memória dos mortos a ensinou sobre coragem. ■

## BRIAN: ALMOÇO EM RUANDA



Cortesia: Brian Newman

Leah Rommereim e Brian Newman (de pé, segunda e primeiro da direita para a esquerda) com alguns de seus alunos ruandeses

Quando penso em minha viagem a Ruanda, quase sempre me lembro dos almoços com os alunos a quem ensinava sobre computadores. A hora do almoço era a hora que realmente tínhamos para conversar e compartilhar histórias sobre nossas famílias, nossos países e nossas culturas.

Lembrar daquelas conversas na hora do almoço me emociona pela alegria e amizade das pessoas de um país que viu tanta dor.

Fiquei surpreso com o fato de que apesar de muitos desses alunos quererem fazer faculdade nos Estados Unidos ou na Europa, a maioria deles quer voltar a Ruanda depois de se formar para ajudar a reconstruir o país. Muitos dos alunos com quem trabalhei em Ruanda se perguntavam se estavam escolhendo as matérias certas para estudar na faculdade. Eram os mesmos pensamentos que eu havia tido antes de ir para a faculdade. Ouvir sobre suas famílias era como conversar sobre minha própria família.

Às vezes, no entanto, uma conversa podia tomar um rumo inesperado.

Um dia, ao conversar sobre diferentes idiomas com uma aluna do FAWE\* (Fórum de Educadoras Africanas), perguntei que língua seus pais falavam. Ela então me contou que seus pais haviam sido mortos durante o genocídio. À medida que ela me contava sobre seus pais, parecia que para ela não era nada incomum seus pais terem sido mortos e ela agora estar morando com outros

familiares. Achei terrível não apenas seus pais terem sido mortos, mas isso ser tratado como uma coisa tão comum em Ruanda.

Sempre que ouvia essas histórias de genocídio ficava desconcertado. Visitei o país, conversei e ri com jovens que não parecem tão diferentes de mim. Mas até hoje, não consigo compreender as coisas por que passaram.

Antes de ir para Ruanda, achava que seria difícil me ligar aos alunos, uma vez que sua cultura era tão diferente da minha. Eles haviam passado por coisas que eu não conseguia nem imaginar.

No fim, aprendi que no fundo eles não são tão diferentes de mim. Ao fim da viagem, percebi que tinha novos amigos do outro lado do mundo que eram bem parecidos comigo. ■

\*FAWE é uma das quatro escolas de Ruanda que participam da Iniciativa Juventude 4 BIT. As outras são Apred Ndera, Kagarama e Lycée du Kigali.



## LEAH: SOBRE A MARCHA EM MEMÓRIA DOS MORTOS



Cortesia: Brian Newman

Durante evento de recordação em 2006, manifestantes dirigem-se ao Memorial e Museu do Genocídio em Kigali, Ruanda

A temporada de chuvas alaga muitas estradas de Ruanda. Elas ficam enlameadas, depois a lama seca e deixa as estradas esburacadas e cheias de sulcos. Sacolejamos em uma dessas estradas em uma manhã de sábado em direção a uma pequena igreja para participar de uma Marcha de Conscientização sobre o Genocídio com alunos de Kigali.

Essa igreja, contaram-me meus amigos ruandeses, era um dos lugares em que os refugiados encontravam abrigo seguro, mas acabaram sendo mortos.

A memória da morte impregnava o local, mas a vida ainda florescia. Depois que todos os alunos chegaram, a vista impressionava. Alguns estavam com os uniformes da escola, outros usavam camiseta com os nomes de seus heróis: Mahatma Ghandi, Nelson Mandela e Martin Luther King. Alguns usavam roupas normais do dia-a-dia e pareciam estudantes que encontramos em qualquer lugar.

Minha brancura era uma fonte constante de interesse para os outros alunos na multidão. Eu realmente destoava. Isso me fez sentir como uma alienígena, mas à medida que meus amigos ruandeses começaram a me puxar para a multidão e me apresentar a outras pessoas, essa sensação desapareceu. Eu não era mais alguém que estava lá apenas para observar, estava lá para participar. Isso mudou a maneira como eu era tratada: não alguém para ser olhada, mas alguém com quem interagir.

A manifestação começou com a fanfarra de uma banda nacional e nós percorremos as ruas de Kigali formando um espetáculo e tanto em uma manhã de sábado. Marchamos em direção ao Memorial e Museu do Genocídio. No caminho, encontrei muitos estudantes com histórias, rostos e sorrisos diferentes. Conversamos sobre cinema, música, o sistema educacional em Ruanda e sobre o que queríamos fazer de nossas vidas. Foi muito parecido com várias conversas que tive com meus amigos em Washington, nos Estados Unidos.

Quando chegamos no memorial, o clima ficou sombrio. Nos reunimos ao redor dos túmulos dos mortos recém-encontrados. A reconstrução da cidade está trazendo à tona corpos de mais vítimas do genocídio, e dar a eles um sepultamento digno tornou-se parte do processo de reconstrução. Ao olhar para meus novos amigos em meio às sepulturas, tentei imaginar o que deveria ter sido crescer em uma sociedade em que praticamente metade das pessoas havia sido assassinada. Muitos dos estudantes mudaram-se para outros países com seus pais durante o genocídio. Outros ficaram e perderam um, às vezes os dois pais, junto com vários outros familiares e amigos.

Essas pessoas inteligentes, talentosas e surpreendentes haviam passado por tanta coisa e ainda assim, naquela manhã de sábado, estavam lá firmes. Foi uma honra ser aceita na comunidade deles e ser considerada uma amiga. ■

---

*As opiniões expressas por Brian Newman e Leah Rommereim não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

*Nota dos editores: o Centro de Combate à Exclusão Digital hospeda um blogue da viagem de Brian e Leah a Ruanda em 2006. Está disponível em <http://cbdd.typepad.com/bit/>. Brian colocou no ar um foto-blogue da viagem no endereço <http://picasaweb.google.com/achievinglacker/Rwanda>.*

# Inspirar, Informar, Envolver



Cortesia: TakingITGlobal.org

*Jovens alcançam o mundo exterior em uma comunidade on-line*

**P**ode ser que você queira um lugar para exibir fotos ou poesias. Talvez queira conversar sobre as últimas notícias das Nações Unidas ou dos Estados Unidos. Talvez queira algum conselho sobre como estimular seus colegas a melhorar sua comunidade.

Aponte o seu navegador para o TakingITGlobal.org (TIG). Esse site, concebido e operado por jovens, tornou-se uma comunidade on-line onde adolescentes e adultos jovens de mais de 200 nações dedicam-se a um intercâmbio virtual, que os participantes descrevem como tão real e significativo quanto qualquer encontro cara-a-cara.

A conversa no TIG é mais do que conversa fiada. O grande objetivo dessa comunidade é atrair a atenção de seus membros para os Grandes Problemas — as Metas de Desenvolvimento do Milênio, das Nações Unidas, a exclusão digital e o HIV/Aids, por exemplo.

O TIG também tem se empenhado em campanhas dinâmicas na tentativa de combater a exclusão digital globalmente e incorporar aquelas metas nos acordos internacionais sobre tecnologia da informação.

"Também operamos a *www.digitaldivide.net*, uma

comunidade totalmente on-line dedicada a discussões e atividades referentes à exclusão digital", diz Michael Furdyk, um dos dois jovens canadenses que lançaram o TIG em 2000 com o lema "Inspirar, Informar, Envolver."

"Para um jovem em busca de um portal sobre problemas globais ou uma oportunidade de conversar com seus pares do mundo inteiro, esse site é um ponto de partida esplêndido", de acordo com relatório sobre a juventude on-line produzido pelo Centro de Mídia Social da Universidade Americana em Washington, D.C.

O site fornece ferramentas poderosas para que os jovens se expressem e aprendam sobre o mundo à sua volta — incluindo uma das maiores coleções mundiais on-line de obras de arte da juventude e uma vibrante revista eletrônica on-line. Escolas do mundo inteiro também estão levando o TakingITGlobal para a sala de aula — as ferramentas e os recursos para professores do TIGed.org possibilitam experiências de educação interativa global.

Em pesquisa de 2007 sobre seus membros, o TIG descobriu que eles trocam mais do que sonhos. Eles estão aprendendo tecnologia da informação, descobrindo informações e recursos de que precisam, construindo redes e colaborações e aprendendo a mudar suas comunidades.

"Agora tenho amigos de todo o mundo, pessoas que se preocupam com meu bem-estar e minha felicidade, ainda

que nunca tenham me encontrado pessoalmente, ainda que não saibam nada sobre mim exceto por desenhos e textos. Mas de certo modo eles me conhecem até melhor do que minha família."

— Yara Kassem, Egito

"Ao encontrar pessoas diferentes de diversas partes do mundo, o TIG me ajudou a ver as situações por outra perspectiva, em vez de apenas pela do meu próprio país. Os Estados Unidos são uma força muito poderosa em todo o mundo, e o TIG me ajudou a compreender o seu impacto pela perspectiva dos países sob sua influência. Também fiz amizade com pessoas incríveis do mundo inteiro."

— Trevor Kellog, EUA

"Por meio do TIG aprendi que as coisas podem ser mudadas e as visões, concretizadas, mesmo na escassez.

Continuo a me surpreender ao ver a proporção incrível de jovens que podem levar outros jovens a atingir suas metas e realizar seus sonhos."

— Rim Nour, Tunísia

"O TIG ampliou meu círculo de amizades para além das fronteiras geográficas socioculturais, religiosas, econômicas e políticas. Ser membro do site me fez raciocinar além da minha própria cultura e, ao mesmo tempo, apreciá-la ainda mais."

— Morse Flores, Filipinas ■

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

Cortesia: TakingITGlobal.org

O site TakingITGlobal Web oferece recursos para discussão, expressão e ativismo em 12 idiomas

# Conhecendo Pessoas e Trocando Idéias On-Line

Maitreyi Doshi

*A participação em uma comunidade on-line levou uma jovem indiana a se lançar em jornadas longínquas.*

**E**m 1998, quando eu tinha 16 anos, vi-me pela primeira vez dentro de um avião, deixando minha terra natal, a Índia, rumo à cidade de Boston, Massachusetts, nos Estados Unidos, para um evento patrocinado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT).

Eu não sabia então, mas olhando agora para trás, percebo que a oportunidade de fazer parte da Cúpula Júnior do MIT mudou minha vida e me colocou no caminho da tecnologia da informação, das comunidades on-line e das viagens internacionais.



Cortesia: Maitreyi Doshi

Maitreyi Doshi é fotografada na Cúpula Júnior de 1998 do Instituto de Tecnologia de Massachusetts

A Cúpula Júnior reuniu 100 jovens de 54 países para discutir como a tecnologia pode ajudar a solucionar os problemas das crianças no mundo. Passamos seis meses discutindo essas questões em nossa própria comunidade on-line, e essa foi a minha primeira experiência de conhecer pessoas e trocar idéias pela internet.

Após a Cúpula Júnior, entrei para a comunidade on-line criada pelo TakingITGlobal (TIG), que era um lugar completamente novo, empolgante e diferente do mundo que conhecia. Lá encontrei pessoas sensacionais que me inspiraram a fazer a diferença em minha comunidade. Percebi que a vida era muito mais do que só estudar e me formar. Admito que éramos jovens idealistas procurando desenvolver projetos que eram por vezes improváveis, mas, à nossa maneira modesta, fizemos a diferença na nossa comunidade.

O TIG era – e continua a ser — uma comunidade ampla, e não foi fácil reunir todo mundo. Lembro-me muito bem de ter acordado uma vez às duas da manhã para uma reunião por meio do Instant

Messenger. Alguém tem de estar de pé no meio da noite quando pessoas das mais diversas partes do mundo tentam marcar uma reunião.

Também me lembro de ter chorado e ficado deprimida com o fracasso de um dos nossos projetos favoritos. Lembro-me igualmente de ter sentido um enorme prazer quando encontrei pela primeira vez na vida alguns dos meus amigos on-line. Lembro da alegria que senti ao ver como meus amigos podiam fazer a diferença em suas comunidades e perceber que eu também podia.

A comunidade on-line que criei para mim nos últimos nove anos desempenhou um papel importante na minha vida pessoal e influenciou minha carreira hoje. Ela me ajudou a ser uma pessoa melhor, de mente mais aberta, e, principalmente, tem me inspirado a fazer a diferença em minha comunidade. Graças a essa comunidade, iniciei o mestrado em arte comunitária na Faculdade de Artes do Instituto de Maryland em junho de 2007. Com esse diploma, espero saber melhor como usar a arte como um meio de produzir mudanças positivas na sociedade. Quero fundir meu ativismo e a paixão pela arte para construir uma carreira empolgante e incomparável que possa satisfazer minhas

necessidades de artista e também beneficiar a comunidade.

Serei sempre grata por ter tido a oportunidade de fazer parte da comunidade on-line e de ter aproveitado a chance que bateu à minha porta.

Algumas vezes me pergunto o que teria sido da minha vida se não tivesse participado da Cúpula Júnior e fico assustada ao pensar no assunto. ■

*Maitreyi tem 23 anos. Ela terminou o curso de graduação na Universidade Concord em Athens, West Virginia, em 2006, e foi trabalhar em Washington, D.C. como programadora visual e assistente de publicações na Federação Geral de Clubes de Mulheres.*

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*



Foto: Michael Myers/OxfamAUS

Membros do TIG trabalham conjuntamente on-line em busca de soluções para problemas mundiais importantes, como dar fim à pobreza e à fome no mundo, conforme demonstrado por esses jovens ativistas em Sydney, na Austrália

# Uma Experiência Pessoal em Relações Internacionais

Charlene Porter

Os programas de intercâmbio auxiliam os jovens a ampliar sua visão de mundo e a entender melhor outras culturas. As oportunidades para adquirir essa experiência estão expandido o tempo todo.

Charlene Porter é editora-gerente da *eJournal USA*.



**D**igite as palavras "student exchange program" [programa de intercâmbio estudantil] em uma ferramenta de busca na internet e você encontrará milhões de ocorrências. Um jovem que deseja conhecer outra parte do mundo pode encontrar diversas oportunidades para estudar, trabalhar ou se voluntariar.

O universo do intercâmbio internacional de jovens é amplo. É difícil contar todas as organizações envolvidas, quanto mais os jovens que entram e saem dos programas todo ano. É muito mais fácil obter uma resposta concisa que explique por que vale a pena fazer intercâmbio:

*Os intercâmbios educacionais podem transformar nações em pessoas, contribuindo para a humanização das relações internacionais como nenhuma outra forma de comunicação pode fazer.*

Essas são as palavras do senador J. William Fulbright, que pode ser chamado de pai dos programas de intercâmbio patrocinados pelo governo americano. Suas idéias sobre os benefícios do intercâmbio são semelhantes às metas mencionadas por muitas organizações.

O programa de bolsas Fulbright, com mais de 60 anos de existência, recebe o nome do falecido senador do Arkansas, porque ele patrocinou uma lei americana de 1946 que estabeleceu a iniciativa.



Ed Harrison/Rotary International

Alunos de intercâmbio do programa Rotary têm as caras pintadas com as cores de suas bandeiras nacionais em viagem para esquiar na região do Lago Tahoe, na fronteira entre a Califórnia e Nevada

Desde então, 138 mil acadêmicos, professores e alunos vieram aos Estados Unidos em busca de experiência pessoal em relações internacionais, e 82 mil americanos viajaram para o exterior com bolsas Fulbright.

O Fulbright é considerado o mais importante dos programas de intercâmbio do governo dos EUA, mas há muitos outros. Com cerca de 30 mil participantes por ano, os programas de intercâmbio patrocinados pelo Bureau de Assuntos Educacionais e Culturais (ECA) do Departamento de Estado já proporcionaram experiência internacional a um milhão de pessoas nos últimos 50 anos.

Esses e outros programas patrocinados pelo governo são apenas algumas das estrelas no universo dos intercâmbios. O ECA oferece um bom local para começar a pesquisar o programa certo para você, com uma base de dados com sistema de busca no endereço <http://exchanges.state.gov/jexchanges/>. Esse site de busca permitirá que você selecione os tipos de programas que lhe pareçam adequados, seja você um aluno do ensino médio, um universitário, um professor ou um pesquisador.

As faculdades e universidades também são os principais destinos dos jovens intercambistas com patrocínio privado. O aluno de intercâmbio é um tipo

de diplomata no mundo acadêmico. No ano passado, o Departamento de Estado dos EUA concedeu 591 mil vistos a estudantes e intercambistas. Cerca de 200 mil estudantes universitários americanos foram na outra direção para encontrar oportunidades em instituições acadêmicas fora do país.

Jovens pré-universitários também estão se envolvendo em programas de estudos no exterior, porém é difícil obter números conclusivos e abrangentes sobre essa participação. O Conselho sobre Normas de Viagens Internacionais para Fins de Educação (CSIET), organização guarda-chuva para grupos que participam de intercâmbios, estima que aproximadamente 30 mil alunos de ensino médio vêm aos Estados Unidos a cada ano.

O CSIET também apresenta uma mensagem bem ponderada sobre a razão desses programas de intercâmbio serem valiosos aos jovens: "Eles aprendem em primeira mão sobre outras culturas e, ao fazer isso, constroem amizades para toda a vida; começam a entender as relações entre os povos do mundo; e percebem a importância de conhecer outros idiomas e outras culturas."

Os programas de intercâmbio para alunos do ensino médio integram os esforços de diplomacia pública dos EUA desde 1949. Esses programas promovem o entendimento mútuo ao dar aos alunos estrangeiros a oportunidade de estudar em escolas americanas de ensino médio enquanto moram com uma família anfitriã americana. Não somente esses estudantes passam por transformações devido a essas experiências, mas também suas famílias, seus amigos e professores nos próprios países. As famílias anfitriãs, os estudantes e os patrocinadores que interagem com esses estudantes também se beneficiam. (Mais detalhes sobre esses programas e referências podem ser encontrados na seção "Onde Obter Informações".)

Aprender um novo idioma é um elemento importante

na construção do entendimento cultural, e os Estados Unidos lançaram um novo programa para oferecer mais oportunidades como essas aos jovens. A Iniciativa de Aprendizagem de Idiomas para a Segurança Nacional (NSLI), anunciada pelo presidente George W. Bush em 2006, é um dos programas de intercâmbio mais recentes dos EUA. A NSLI está investindo em ensino intensivo de idiomas de "necessidade fundamental", como árabe, chinês e as línguas índicas a jovens americanos.

A secretária de Estado, Condoleezza Rice, elogiou o programa NSLI durante a Semana Internacional da Educação em novembro de 2006, dizendo: "Estudar idiomas cruciais como árabe, chinês, russo, hindu e farsi amplia as oportunidades para os jovens, enriquece suas vidas e demonstra o nosso respeito por outras culturas."

Em sua segunda temporada, os institutos da NSLI que oferecem cursos intensivos de idiomas no verão estão abrindo vagas para alunos americanos tanto do ensino médio como do superior.

Segundo o ECA, cerca de 500 alunos estão matriculados em cursos intensivos de idiomas em institutos especiais instalados nos países onde essas línguas são faladas, enquanto outros universitários americanos estão estudando idiomas em outros países pelos programas Fulbright e de Bolsas de Estudo Gilman.

Jovens professores de outros países também estão vindo aos Estados Unidos ajudar a ensinar suas línguas nativas nos campi como assistentes de ensino Fulbright.

Nos próximos anos, os programas NSLI continuarão a expandir, com mais oportunidades para alunos do último ano do ensino médio passarem um semestre ou um ano estudando línguas em países como Rússia, China, Turquia, Índia e nações de língua árabe.

Outra categoria de programas de intercâmbio administrada pelo ECA dá aos alunos que concluíram o ensino médio oportunidades para participar em programas de trabalho e viagem durante as férias de verão. Aberto somente a alunos que estejam obtendo

um diploma em instituição educacional credenciada, o programa de trabalho de férias de verão coloca jovens em ocupações que não exigem qualificação em resorts, hotéis, restaurantes e parques de diversões. Também são autorizados estágios de verão em atividades comerciais como arquitetura, pesquisa em ciências, comunicações de massa, programas de computação e eletrônica. Mais

*"Eles aprendem em primeira mão sobre outras culturas e, ao fazer isso, constroem amizades para toda a vida; começam a entender as relações entre os povos do mundo; e percebem a importância de conhecer outros idiomas e outras culturas."*

informações sobre esse tipo de intercâmbio são encontradas no endereço: <http://exchanges.state.gov/education/jexchanges/about.htm#background>.

Os programas de voluntariado podem ser uma tendência promissora em intercâmbios, segundo estudo recente na área realizado por uma empresa de consultoria sediada em Washington. Em vez de optar por passar as férias de primavera em atividades de lazer, na praia ou nas rampas de esqui, alguns universitários americanos estão preferindo dedicar seu tempo livre à educação internacional ou a atividades de desenvolvimento em outros países. Uma grande variedade de opções é oferecida a candidatos que buscam essas oportunidades por meio de organizações como a Associação de Programas de Voluntariado Internacional [<http://www.volunteerinternational.org/>], Break Away [<http://alternativebreaks.org/8components.asp>] e Go Abroad [<http://www.goabroad.com/>]. ■

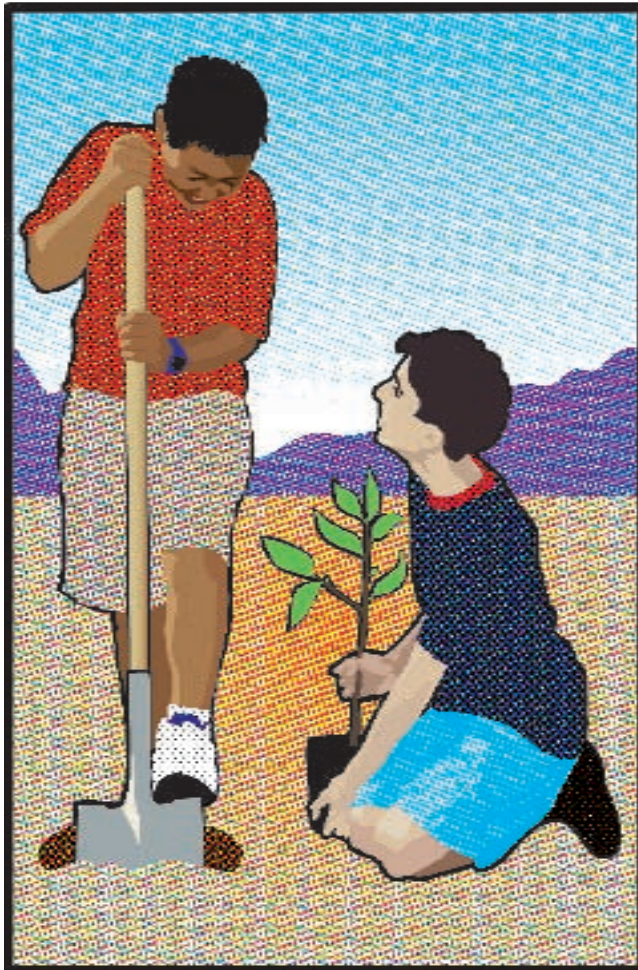
*O Departamento de Estado não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos de outras agências e organizações. Todos os links da internet estavam ativos em julho de 2007.*



## O que Devo Fazer?

**T**alvez então tudo que leu nestas páginas tenha feito você querer conhecer algum programa de intercâmbio. Reunimos várias informações para ajudá-lo a tomar o rumo certo.

O primeiro passo é pesquisar o tipo de programa desejado e ser aceito. Para ajudá-lo a encontrar o programa perfeito para você, descrevemos uma variedade deles no próximo artigo — alguns dos inúmeros existentes que você poderia considerar.



Quando você seleciona um programa, seus patrocinadores emitem um documento para registrá-lo no Sevis. Sevis significa Sistema de Informações sobre Estudantes e Participantes de Intercâmbio. É um sistema da internet para que escolas, universidades e outros patrocinadores de intercâmbio forneçam informações ao Departamento de Segurança Interna dos EUA sobre o paradeiro de visitantes estrangeiros nos Estados Unidos. O patrocinador de seu programa dará várias orientações e o ajudará a passar pelo processo.

Quando tiver o documento do Sevis, você poderá entrar em contato com a embaixada dos EUA em seu país para requerer o visto para entrar nos Estados Unidos. O visto é um documento emitido pela embaixada dos EUA que dá direito ao cidadão estrangeiro de viajar para algum ponto de ingresso nos EUA e solicitar permissão de um funcionário da imigração para entrar no país. Os Estados Unidos emitem vários tipos de vistos de não-imigrantes para categorias diferentes de viajantes, empresários, turistas e atores. Os tipos de visto emitidos para estudantes são os seguintes:

- O visto F, de estudante: Este visto é o tipo mais comum emitido para aqueles que querem matricular-se em cursos acadêmicos. As pessoas que pretendem cursar uma faculdade ou universidade credenciada ou um instituto de idiomas nos EUA obtêm esse tipo de visto. Para saber mais, consulte [http://travel.state.gov/visa/temp/types/types\\_1268](http://travel.state.gov/visa/temp/types/types_1268).
- O visto J, de intercambista. Este visto atende pessoas que participarão de programas de intercâmbio nos Estados Unidos. O visto "J" é especial para pessoas que se destinam a programas de intercâmbio educacional ou cultural. Para saber mais, consulte [http://travel.state.gov/visa/temp/types/types\\_1267](http://travel.state.gov/visa/temp/types/types_1267).
- O visto M, de estudante: Este visto é destinado a pessoas que procuram um programa não acadêmico, um curso profissionalizante ou treinamento em instituição americana. Para obter mais informações, consulte [http://travel.state.gov/visa/temp/types/types\\_1268](http://travel.state.gov/visa/temp/types/types_1268).

## Onde Obter Informações?



Cortesia: Sociedade Judaico-Americana de Serviços Comunitários  
Alguns programas de intercâmbio nas férias de verão recrutam jovens para trabalhar em projetos de construção em regiões de baixa renda ou atingidas por desastres

**S**e você quer ter uma idéia geral de como é estudar nos Estados Unidos, há vários bons lugares por onde começar sua pesquisa para encontrar o programa mais adequado.

O primeiro é a série de quatro volumes *If You Want to Study in the United States* [Se Você Quiser Estudar nos Estados Unidos], publicada pelo Bureau de Assuntos Educacionais e Culturais (ECA) do Departamento de Estado dos EUA para aspirantes a programas intercâmbio. Os volumes tratam de cursos de graduação, cursos e pesquisas de pós-graduação e profissionalizantes, bem como cursos de curta duração, cursos de inglês, educação a distância e credenciamento. E ainda há um

volume com informações práticas sobre como viver e estudar nos Estados Unidos. A maioria desses livros está disponível em árabe, chinês, inglês, francês, russo e espanhol.

[<http://www.educationusa.state.gov/pubs.html>]

O site do Departamento de Educação dos EUA, a **Rede Americana de Informações sobre Educação**, descreve oportunidades de programas de intercâmbio internacional nos níveis de ensino médio, universitário e de pós-graduação. [<http://www.ed.gov/about/offices/list/ous/international/usnei/us/edlite-study-us.html>]

O Bureau de Assuntos Educacionais e Culturais do Departamento de Estado dos EUA mantém uma rede de mais de 450 centros de orientação e informação em 170 países. Esses **Centros de Orientação Educacional** "promovem ativamente o ensino superior americano em todo o mundo, fornecendo informações precisas, abrangentes, objetivas e oportunas sobre as possibilidades de estudo nos Estados Unidos, além de orientação para as pessoas qualificadas sobre a melhor forma de obter acesso a essas oportunidades". O site dos centros de orientação abrange temas como credenciamento, procura de escola, informações sobre visto, assistência financeira, bolsas de estudo Fulbright e programas específicos do ECA.

[<http://educationusa.state.gov/centers/>]

Elaboramos uma breve descrição de alguns programas de estudo e de intercâmbio em quatro seções: programas de intercâmbio para alunos do ensino médio; para alunos de faculdades, universidades e pós-graduação; para estudantes e profissionais; e cursos de inglês e estágios. Mais uma vez reiteramos que a lista abaixo é apenas uma amostra dos muitos programas que podem estar disponíveis e deve ser considerada apenas como ponto de partida para sua pesquisa.

### PROGRAMAS PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

**Aldeia Global da Juventude:** Esse programa de intercâmbio internacional reúne jovens de 13 a 18 anos, de 98 países, em um acampamento de férias de verão para uma "experiência de cidadania global" em atmosfera de recreação. [<http://www.globalyouthvillage.org/>]



## Vídeo On-Line

### *Aprendizado Experimental* Um vídeo da World Learning

<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/0707/ijse/ijse0707.htm>

A World Learning é uma organização sem fins lucrativos sediada nos Estados Unidos com operações em 77 países e 75 anos de tradição em programas de intercâmbio internacional, que contaram com a participação de mais de 100 mil pessoas. Sua abordagem enfatiza o aprendizado pela experiência, conforme estes estudantes explicam em trecho de filme da entidade.

(Usado com Permissão)

Saiba mais sobre a World Learning em <http://worldlearning.org/>

**Ayusa Internacional:** A Ayusa é uma importante organização sem fins lucrativos que promove o aprendizado e a liderança no mundo todo por meio de programas de intercâmbio para estudantes estrangeiros. Desde 1980, a Ayusa já forneceu programas de intercâmbio a mais de 40 mil estudantes do ensino médio e famílias anfitriãs com o objetivo de construir pontes de amizade internacional.

O Consórcio Ayusa, por meio de seus parceiros internacionais, recruta estudantes do ensino médio para o Programa de Intercâmbio Educacional para Jovens (YES) de países como Argélia, Bahrein, Bangladesh, Etiópia, Gaza, Iraque, Israel (Comunidade Árabe), Jordânia, Kuwait, Líbano, Mali, Marrocos, Omã, Paquistão, Catar, Senegal, Síria, Tunísia, Cisjordânia e Iêmen.

[<http://www.ayusa.org/about/grants?grant=yes>]

**Conselho de Intercâmbio Internacional de Educação (Ciee):** O programa Ensino Médio nos EUA do Ciee oferece um ano acadêmico de 10 meses ou um semestre acadêmico de cinco meses em uma escola de ensino médio dos EUA. Estudantes de 15 a 18 anos vivem com uma família anfitriã enquanto frequentam a escola.

[[http://www.ciee.org/representatives/opportunities/usa\\_hs/index.asp](http://www.ciee.org/representatives/opportunities/usa_hs/index.asp)]

**Conselhos Americanos de Educação Internacional:** os conselhos americanos administram uma variedade de programas de intercâmbio cultural, estudo no exterior e de pesquisa em nome de patrocinadores públicos e privados.

A participação nesses programas é obtida por meio de um concurso aberto, baseado no mérito, e facilita o entendimento mútuo entre os Estados Unidos e Eurásia, Sudeste Europeu e Sul da Ásia.

Os conselhos americanos recrutam tanto alunos do ensino médio de repúblicas da ex-União Soviética para o programa Intercâmbio de Futuros Líderes (Flex) como alunos do ensino médio do Afeganistão para o Programa de Intercâmbio Educacional para Jovens (YES).

[<http://www.americancouncils.org/programList.php>]

**Cultural Homestay International:** Para estudantes de mais de 40 países, essa organização oferece acomodações em casa de família para grupos, colocação em escolas de ensino médio, emprego em casa de família durante os estudos (au pair) e experiências de trabalho.

[<http://www.chinet.org/>]

**Intercâmbio de Jovens do Rotary:** Essa organização sem fins lucrativos oferece programas acadêmicos com estadia em casa de família para estudantes do ensino médio de 15 a 19 anos. Os estudantes devem ser patrocinados por uma unidade do Rotary Internacional em sua terra natal.

[[http://www.rotary.org/programs/youth\\_ex/index.html](http://www.rotary.org/programs/youth_ex/index.html)]

**Iowa Resource for International Service (IRIS):** A Iris é uma organização sem fins lucrativos fundada em 1993 e localizada em Ames, Iowa. Sua missão é promover a educação, o desenvolvimento e a paz internacionais por meio de iniciativas rurais. A Iris conduz vários programas que levam para Iowa estudantes, jornalistas, empresários, educadores e líderes de governo vindos da África, do Leste Europeu, da Europa Central e da Ásia. Em Iowa, os participantes estrangeiros hospedam-se em casas de família, estudam em escolas locais, estagiam em empresas da região e tomam parte nas atividades comunitárias.

A Iris recruta alunos do ensino médio para o Programa de Intercâmbio Educacional para Jovens (YES) da Nigéria e da Tanzânia.

[<http://www.iris-center.org/CurrentProjects.htm>]

**Programa Intercultural de Intercâmbio do Pacífico (PIE):** O PIE oferece oportunidades de intercâmbio de um

ano ou um semestre acadêmico para estudantes do ensino médio de 15 a 18 anos com estadia em casa de família.

[[http://www.pieusa.org/homestay\\_exchange.asp](http://www.pieusa.org/homestay_exchange.asp)]

**Programas interculturais do AFS (AFS):** Para estudantes de 13 a 18 anos, os programas do AFS oferecem a oportunidade de passar um semestre ou um ano estudando nos Estados Unidos. O American Field Service é uma das organizações de intercâmbio cultural mais antigas, da qual participam mais de 11 mil estudantes, adultos jovens e professores a cada ano.

[[http://www.afs.org/afs\\_or/home](http://www.afs.org/afs_or/home)]

O AFS e seus escritórios no exterior recrutam alunos do ensino médio para o Programa de Intercâmbio Educacional para Jovens (YES) de Brunei, Egito, Gana, Índia, Indonésia, Malásia, Filipinas, Arábia Saudita, Tailândia e Turquia.

[<http://www.yesprograms.org/>]

#### **PROGRAMAS PARA ESTUDANTES DE FACULDADES E UNIVERSIDADES**

**EduPASS! O guia para estudar nos EUA:** EduPass é um centro de informações para jovens estrangeiros que desejam estudar nos Estados Unidos. O centro fornece informações sobre ingresso em faculdades, passaportes e vistos, viagens, planejamento financeiro e choque cultural.

[<http://www.edupass.org>]

**Graduação:** Esse site baseia-se no primeiro volume da série If You Want to Study in the United States [Se Você Quiser Estudar nos Estados Unidos], publicada pelo Bureau ECA do Departamento de Estado dos EUA para estudantes estrangeiros. O site explica como escolher e candidatar-se a um curso de licenciatura curta ou de bacharelado nos EUA, além de fornecer informações sobre oportunidades de cursos técnicos e profissionalizantes no país.

[<http://educationusa.state.gov/undergrad.htm>]

**Programas para alunos de pós-graduação:** O volume sobre pós-graduação, publicado pelo Bureau ECA do Departamento de Estado, explica como procurar e candidatar-se a cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado, além de fornecer informações sobre



Steve Manuel/ © AP Images  
Em State College, Pensilvânia, os pais anfitriões Christina e Howard Pilot (à esquerda) ajudam seu filho Carl e o estudante de intercâmbio tailandês Chartraharn Chareonwong (à direita) com os deveres de casa

procedimentos de certificação e licenciamento para profissionais que desejam aperfeiçoar sua formação ou prática nos Estados Unidos.

[<http://educationusa.state.gov/graduate.htm>]

**Serviço de Educação Internacional (IES):** O IES auxilia o estudante a encontrar uma faculdade ou universidade apropriada nos Estados Unidos. O site fornece uma lista de universidades e faculdades interessadas em atrair estudantes estrangeiros, bem como informações para orientadores educacionais.

[<http://www.ies-ed.com>]

#### **PROGRAMAS PARA ESTUDANTES E PROFISSIONAIS**

**Conselho Americano de Colaboração em Educação e Estudo de Idiomas (Accels):** O Accels administra programas de intercâmbio cultural, estudo no exterior e pesquisa para promover o entendimento mútuo entre os Estados Unidos e Eurásia, Sudeste Europeu e Sul da Ásia.

[<http://www.americancouncils.org/programList.php>]

**Fundação de Intercâmbio Estudantil Internacional (Wise):** A Wise é especializada em providenciar programas acadêmicos e estadia em casa de família para estudantes asiáticos, europeus e sul-americanos que viajam para os Estados Unidos. [<http://wise.wisefoundation.com>]

**Instituto de Educação Internacional (IIE):** O portal do IIE dá informações sobre 316 programas de intercâmbio que atendem mais de 20 mil pessoas por ano. O IIE fornece recursos para estudantes, acadêmicos, educadores e orientadores de universidades e faculdades, além de pesquisa em questões de educação internacional. O IIE também é o administrador do programa Fulbright, patrocinado pelo Departamento de Estado, que financia cursos de pós-graduação, pesquisa avançada e outras oportunidades para estudantes e profissionais.

[[http://www.iie.org/Content/NavigationMenu/Programs\\_Portal/Browse\\_Programs/Non-US\\_Student\\_Programs.htm](http://www.iie.org/Content/NavigationMenu/Programs_Portal/Browse_Programs/Non-US_Student_Programs.htm)]

**Programas de intercâmbio de jovens, Bureau de Assuntos Educacionais e Culturais, Departamento de Estado dos EUA.** Nesse site, os estudantes que desejam fazer intercâmbio internacional podem procurar programas de intercâmbio por região, tipo de programa ou duração.

[<http://exchanges.state.gov/education/citizens/students/programs/>]

**Serviços Educacionais e de Capacitação EUA-Oriente Médio (Amideast):** A Amideast oferece diversos programas de intercâmbio para homens e mulheres de 10 países participantes do Oriente Médio nos níveis de ensino médio, graduação e pós-graduação.

[[http://www.amideast.org/programs\\_services/exchange\\_programs/default.htm](http://www.amideast.org/programs_services/exchange_programs/default.htm)]

## INFORMAÇÕES SOBRE CURSOS DE INGLÊS E ESTÁGIOS

**Intensive English USA** é a principal fonte de informações nessa área para estudantes estrangeiros que procuram oportunidades de estudo nos Estados Unidos. A lista é publicada pelo Instituto de Educação Internacional e distribuída ao mundo todo por intermédio dos centros de orientação Education USA do Departamento de Estado. Além da lista impressa, o Intensive English USA Online serve como uma base de dados interativa para estudantes estrangeiros e centros de orientação educacional.

[<http://www.intensiveenglishusa.com/>]

### Programa de Capacitação Internacional USArts: O

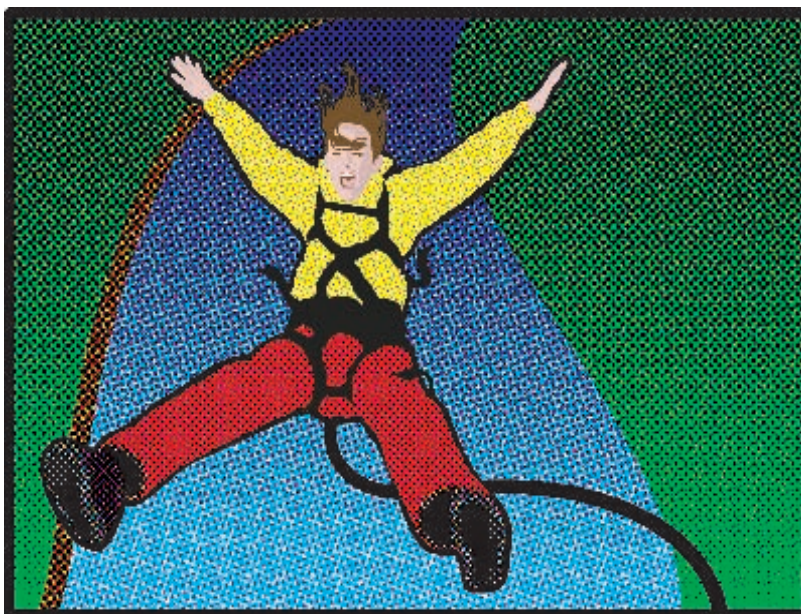
Programa de Capacitação e Estágio Internacional USArts coloca estudantes e profissionais com pós-doutorado dos EUA e de outros países em organizações ligadas a artes e cultura para completar sua capacitação profissional em serviço ou estagiar nos Estados Unidos. [<http://www.usartstraining.org/intlstep.php>]

**Study in the USA!:** Esse site é descrito como um guia de educação para estudantes estrangeiros do ensino médio e de nível universitário que estejam procurando um programa de "inglês intensivo". [<http://www.studyusa.com/>]

[[http://www.studyusa.com/Portal/Browse\\_Programs/Non-US\\_Student\\_Programs.htm](http://www.studyusa.com/Portal/Browse_Programs/Non-US_Student_Programs.htm)]

---

*O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos de outros órgãos e organizações. Todos os links de internet estavam ativos em julho de 2007.*

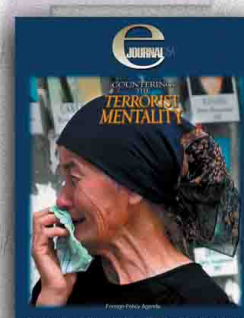
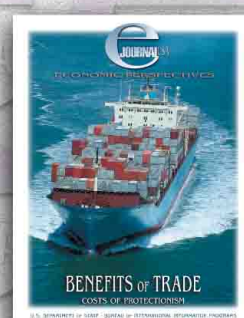
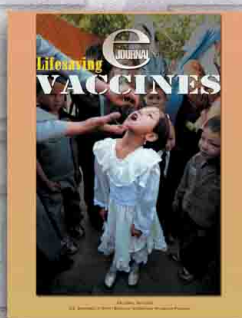
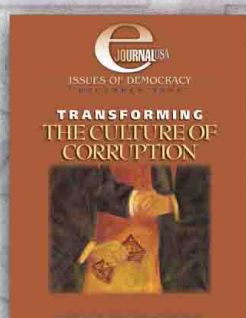
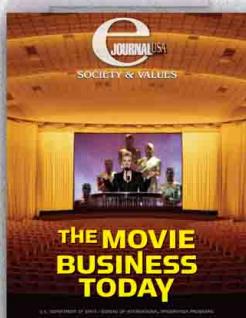




**REVISTA MENSAL  
SOBRE OS EUA  
EM VÁRIOS  
IDIOMAS**

**Cinco edições temáticas:**

- Perspectivas Econômicas
- Agenda de Política Externa
- Questões Globais
- Questões de Democracia
- Sociedade e Valores



**VEJA A RELAÇÃO COMPLETA DOS TÍTULOS EM**  
<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>